

FONTES HAGIOGRÁFICAS

Org.: Pier Giorgio M. Di Domenico

INTRODUÇÃO

Esta seção apresenta as figuras mais significativas de santos e bem-aventurados dos Servos e das Servas de Santa Maria a partir da metade do século XIV até o final do século XV. A série começa com Santa Juliana Falconeiri que, embora tenha morrido por volta de 1341, não consta no primeiro volume das *Fontes* porque o primeiro que fala dela é frei Paulo Attavanti, no final do século XV. Vem em seguida os bem-aventurados Benincasa, Isabel Picenardi, Tiago Filipe Bertoni, Jerônimo de S. Ângelo in Vado, Tomás Vitali e Boaventura de Forlì. Quanto aos outros bem-aventurados, como João Ângelo de Milão, Paulo de Chiari e Bartolomeu de Vicofresto, remete-se às “Fontes de arquivo”.

Desses bem-aventurados emerge o ideal de santidade que sempre foi visto como específico daqueles que se empenham na vida religiosa: busca da solidão, assiduidade na oração, amor ao estudo, dedicação no anúncio de Evangelho, serviço aos mais pobres.

A presente seção apresenta também algumas páginas da hagiografia servita do século XV: a lista dos nomes dos Sete Fundadores no *Dialogus* de frei Paulo Attavanti e nos *Triumph* de frei Gasparino Borro, e a narrativa da morte de São Filipe no *De origine Ordinis* de frei Tadeu Adimari. A seção termina com um trecho da *História do bem-aventurado Filipe de Florença*, cujo autor é um membro da Ordem, Domingos de Todi, testemunha da veneração tributada a Filipe no século XV.

Em apêndice, foi inserida a “*Legenda de Sheffield*”, que leva o nome do lugar onde foi descoberta: trata-se de uma terceira versão da vida de São Filipe, que se junta à *Legenda “vulgata”* e à *Legenda “Perugina”*. Quando foi descoberta, o primeiro volume das *Fontes* já havia sido impresso.

I. SANTA JULIANA FALCONIERI

Introdução

Frei Paulo Attavanti⁶⁵, nas últimas duas folhas do seu quaresmal incompleto, impresso em Sena em 1494 sob o título *Paulina praedicabilis*, nos relata um “exemplo” da vida de Santa Juliana Falconieri, para descrever com maior clareza as cenas do juízo final segundo *Mateus* (cap. 25). Desde a Idade Média os pregadores recorriam freqüentemente a *exemplos* tirados da vida dos santos. Em muitos casos, nos pregadores do século XV, tais exemplos correspondem à “legenda” litúrgica ou paralitúrgica do santo.

O texto de frei Paulo Attavanti, copiado logo em seguida, entre 1494 e 1495, por frei Francisco de Florença, amanuense *do scriptorium* da Santíssima Anunciada, é a

⁶⁵ Quanto às notas biográficas, cf. 582-584 do presente volume (???)

única prova cronologicamente mais próxima à Santa Juliana, que viveu na primeira metade do século XIV.

Nos primeiros anos do século XVII, quando foi aberto o processo canônico de beatificação, o analista frei Arcângelo Giani, na falta de documentos mais antigos, remete ao frei Paulo Attavanti, que passa a ser concretamente a única fonte histórica também no momento da beatificação (1678).

No *Dialogus de origine Ordinis*, frei Attavanti define Juliana como “sanctarum praedicationum sectatrix”⁶⁶. Este particular é retomado e amplificado na obra *Paulina praedicabilis*, onde a conversão de Juliana é determinada pela escuta de uma pregação de Santo Aleixo. Trata-se, pois, de uma tradição que foi se consolidando pelo menos por volta da metade do século XV. Davi Montagna levanta a hipótese que isso tenha ocorrido no longo período do governo geral de frei Nicolau de Perúcia (1427-1461), isto é, depois que Martinho V aprovou a regra da Sociedade leiga dos Servos de Maria (1424) e do conseqüente florescimento de grupos e casas de “irmãs” ou “manteladas”.

Juliana não fundou uma comunidade e nem sequer uma sociedade de manteladas, mas o movimento feminino da Ordem a vê como um modelo inspirador de profunda intensidade. A vida penitente e contemplativa de Juliana culmina com sua conformação a Cristo que, sob as espécies eucarísticas, a compenetra totalmente de si mesmo. Nessa transfiguração resplandece a luz pura da virgindade cristã.

Edição: *Fratris Pauli Florentini Paulina praedicabilis*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, XI, Roulers 1910, p. 119-120.

Bibliografia: D. M., MONTAGNA, *La “Legenda” quattrocentesca della beata Giuliana Falconieri*, “*Moniales Ordinis Servorum*”, 2 (1964), p. 16-28.

Da obra *Paulina praedicabilis*

Segunda-feira do primeiro domingo de Quaresma, no qual o Salvador (*Mt 25*) recorda aos homens endurecidos no mal o terrível dia do juízo para que, se não querem converter-se por amor, pelos menos se arrependam por medo...

Discurso 9 sobre a terrível verdade do juízo universal

Quanto a este tema do medo permanente do juízo divino, procura compreender o *exemplo* estuendo que *vamos ler*⁶⁷.

Juliana, nobre, muito formosa e rica, da família florentina dos Falconieri, de descendência romana, quando tinha quinze anos escutou do seu tio paterno Aleixo uma pregação sobre o juízo final. Aleixo foi um dos sete santos fundadores da Ordem dos Servos de Maria. Nas suas exéquias, apareceram anjos em forma de passarinhos brancos, os quais cantavam melodias celestiais, comprovando sua santidade⁶⁸. Ao vê-

⁶⁶ Cf. *Monumenta OSM*, XI, p. 109

⁶⁷ D. Montagna chama justamente a atenção para este verbo que “serve para caracterizar bem a natureza e a finalidade do texto que vem a seguir” (*La “Legenda quattrocentesca della beata Giuliana Falconieri*, cit., p. 23 nota 1).

⁶⁸ Cf. *LO 28*.

lo no púlpito⁶⁹, transfigurado como um Serafim, a jovem se inflamou de tal desprezo do mundo e de desejo do paraíso que não parou mais de insistir com súplicas e lágrimas junto a seus pais e à Rainha do Céu até que, por vontade de Deus e com o consentimento de todos, recebeu o hábito dos Servos da Virgem Maria. Assim Clara de Assis, da Ordem seráfica, e como Catarina de Sena, da Ordem querubínica⁷⁰, ela também se tornou grande mestra – célebre pelos milagres operados na vida e na morte – das irmãs e das monjas “marianas”. Impelida pelo temor e pelo amor do juízo universal, chegou a distinguir-se por uma tríplice nobreza: natural, política e teológica.

Em primeiro lugar, destaca-se pela nobreza natural de sangue: uma nobreza que lhe provinha não só da família dos Falconieri, uma das primeiras da cidade, mas também e principalmente da sua pátria de origem, Florença. Com efeito, na Toscana desabrocham e florescem abundantes todos os bens: os bens referentes à vida material e à riqueza e os bens referentes ao espírito. Como diz seu poeta⁷¹, o trabalho e a natureza propiciaram à Toscana excepcionais favores e fizeram dela a mestra do mundo.

Em segundo lugar, Juliana é exaltada também por sua nobreza política, uma vez que se portou como um fiel soldado de Jesus e da Virgem gloriosa, saindo-se sempre vitoriosa, ou melhor, brilhantemente triunfante, na luta contra a carne, o mundo e o demônio. O ânimo viril do seu tio Aleixo foi seu modelo constante. Uma jovem – afirmo – mostrou aos homens a luz da virtude.

Em terceiro lugar, destaca-se pela nobreza teológica, isto é, pela graça que nos torna agradáveis a Deus (diz Bártolo na obra *(de) repetitione*, livro II, cap. “*de dignitate*”, livro XII⁷²). Tal nobreza manifestou-se em muitos sinais e milagres, mas especialmente no momento da morte, quando, extenuada pelas penitências, vigílias, jejuns e cilícios de ferro que lhe penetravam a carne, seu estômago não conseguia reter o que comia. E, apesar disso, ela desejava ardentemente receber o corpo de Cristo, que não lhe era dado por medo de vômito. Pediu com insistência e longamente, em doloroso pranto, que pelo menos seu peito fosse purificado e coberto com uma toalha branca e a Eucaristia fosse colocada sobre o seu coração que ardia como fornalha, onde sentia a violência do amor que queria irromper⁷³.

Nisso ela foi atendida com grande alegria. E eis um milagre inaudito e digno de ser levado ao conhecimento de todos! Tornando-se mais linda, como um anjo, e penetrada por intensa doçura ao ponto de perder a consciência, morreu suavemente e a hóstia não foi mais encontrada em lugar nenhum. Teria Jesus atraído e transformado com a força do amor a sua alma? E, voltando para os céus, teria Ele levando consigo esta esposa para com ela celebrar as núpcias eternas? Eu não sei. Deus o sabe.

Se diante disso, não fores movido pelo pranto, ó meu “Ni”⁷⁴, vãs serão as lágrimas em outro momento derramadas. Este é o fruto admirável que se obtém da meditação constante do juízo final.

⁶⁹ Uma pregação “*in pulpito*” não comprovada por nenhum dos Sete Santos, é inadmissível para Santo Aleixo, que era um frade não-sacerdote;

⁷⁰ Esse confronto imita a *Legenda de Origine*, que compara São Filipe aos santos Francisco e Domingos.

⁷¹ Isto é, Dante do qual frei Antônio Attavanti foi grande admirador.

⁷² Bártolo de Sassoferrato, jurista do século XIV, ainda em voga no século XV.,

⁷³ Na Idade Média não era raro o costume de levar desta maneira o conforto da Eucaristia aos doentes. Cf. M. Righetti, *Manuale di storia liturgica*, III, Milano 1949, p. 496-497.

⁷⁴ Sigla que indica um interlocutor ideal.

II. BEM-AVENTURADO BENINCASA DE MONTEPULCIANO

Introdução

Duas são as fontes mais importantes sobre a vida do B. Benincasa: frei Paulo Attavanti, que lhe dedica quase todo o sermão do primeiro domingo de quaresma (1494), e frei Miguel Poccianti, que fala dele na obra *Chronicon* (1567). São duas fontes independentes uma da outra, embora coincidam substancialmente nos dados biográficos.

Frei Paulo Attavanti escreve na época em que os Servos de Maria ingressam em Montichiello e tomam posse do convento construído pelo povo junto ao túmulo do santo eremita (1494). Ele colhe dos testemunhos do povo as lembranças da vida do bem-aventurado. O B. Benincasa nasce por volta de 1370, provavelmente em Montepulciano, como atesta o códice das Constituições conservado em Santa Maria in Via, escrito em 1495 por um frade de Florença⁷⁵, e no convento de Montepulciano faz a profissão religiosa. Toda a sua vida desenrola-se no espaço restrito de Montepulciano, Monte Amiata e Montichiello. Morre em 1426.

De tal forma frei Paulo Attavanti aproxima o B. Benincasa de São Filipe que os dois parecem ser contemporâneos e terem fugido juntos da ameaça da eleição ao papado. Sem dúvida, Benincasa devia ter uma grande veneração a São Filipe e, por isso, assume a vida penitente e um lugar santificado pela presença do seu amado mestre, como se acreditava no século XV.

Benincasa transcorre cerca de 25 anos de dura penitência e solidão. Por trás da ênfase retórica de frei Paulo Attavanti, descobre-se a originalidade de uma forte experiência eremítica, cujo rigor é atenuado pelo colóquio constante com Deus, pela reza dos salmos e também pelo sincero afeto do povo.

Edição: *Paulina praedicabilis. A septuagesima usque ad tertium diem Pasce, per magistrum Paulum Ordinis Servorum Dive Adnuntiate de Florentia composita, ad colendissimum sui Ordinis Generalem M. An. Alabantum de Bononia, Anno salutis M.CCCCLXXXIII. Senis*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, XI, Roulers 1910, p. 116-119.

Bibliografia: *Die 14 maii B. Benincasae confessoris*, [A. M. DAL PINO], ‘Studi Storici OSM’, 15 (1965), p. 122-127. A.M. SERRA, *Benincasa, beato*, in *Bibliotheca Sanctorum*, II, Roma 1962, p. 1238-1241.

Da obra *Paulina praedicabilis*

Primeiro domingo da quaresma, no qual se lê Mateus 4: “Jesus foi levado ao deserto pelo Espírito Santo para ser tentado pelo diabo...”

Discurso oitavo sobre a temperança, o jejum e vida celibatária.

Em terceiro lugar, deve ser considerado o modelo desta vida celibatária vivida por pessoas que podemos imitar. Embora existam rastros luminosos, a serem

⁷⁵ Editado por A. MORINI, in *Monumenta OSM*, VI, p. 118, n° 16,

contemplados e imitados, de santos penitentes que usavam vestes grosseiras ou cilícios e residiam em espeluncas e cavernas, como Moisés no Sinai, Elias e Eliseu no Carmelo, João Batista, Paulo primeiro eremita, Macário e Antônio no deserto, Madalena Egípcia, Maria e Taísia, Francisco Seráfico em Alvernia, bem como Jerônimo e mil outros na imensa solidão do Egito, eu trago um único exemplo de vida eremítica penitente: um exemplo esplêndido que deve ser exposto à admiração de todos, destinado a ficar famoso pelos séculos, bom para conhecer mas difícil de imitar, vale dizer, o bem-aventurado Benincasa, da Ordem dos Servos de Maria, que, no início da quaresma, foi levado para o deserto pelo Espírito Santo para imitar e experimentar na doçura da solidão o Senhor Jesus.

Quem, embora mantendo especial intimidade com o pensamento divino, poderia compreender quantas visões celestes e consolações ela tenha tido, quantas vitórias contra os terríveis demônios, quantos sinais vindos do céu para comprovar a sua santidade? Quem, segundo as forças que Deus lhe dá, poderia narrar essas coisas a seu respeito, primeiro durante a vida, depois, na morte e, por fim, na glória.

Como primeira coisa direi quem e quão grande foi ele durante a vida. Se quiseres alegrar-te, querido ouvinte, fica com os ouvidos atentos. No tempo em que eu estava vacante a Sé apostólica, discutia-se em concistório sobre a possibilidade de outorgar o sumo pontificado ao frei Filipe Benizi, cidadão de Florença, prior geral da Ordem dos Servos de Maria, destacado entre os médicos da época, mestre e pai espiritual de Benincasa. Com efeito, a fama da sua santidade difundia-se em todos os lugares. Ambos, Filipe e Benincasa, percebendo o iminente perigo do sumo pontificado, iluminados pelo fulgor de um amor superior, depois de procurar discernir a vontade divina com fervorosas preces, decidiram desprezar o mundo e retirar-se para levar vida eremítica. Por disposição divina, ocorreu que Filipe encontrou, segundo seu desejo, uma gruta escondida num bosque perto dos “Bagni di Siena” e nela entrou. E em vista da salvação dos doentes e de quantos acorriam a ele como a um médico para obter a saúde do corpo e do espírito com a força das orações que subiam fervorosas até o céu, guiado pelos anjos, ele descobriu uma fonte de água, à qual todos, inclusive os médicos, para homenagear quem a havia descoberto, deram o nome de “Bagni di san Filippo” [...].

Mas voltemos agora a Benincasa, filho e autêntico discípulo de tão grande pai. A ele, sem dúvida por intervenção angélica, foi indicada uma caverna assustadora num vale em plena mata, profunda e escura. Só a vista dela, antes mesmo de entrar, teria assustado os homens mais corajosos. Só se pode chegar a ela descendo com uma corda ou um cabo. Dista cinco milhas da gruta de São Filipe, dentro do território de Sena, no condado de Montichiello. Foi ali, no entanto, num terra deserta, árida e sem água⁷⁶, que Deus lhe apareceu, e aquela horrenda espelunca, inacessível até para feras, ele conseguiu transformar num paraíso de delícias com seu incessante e suave salmodiar e seus jejuns. Prova disso são os demônios que fogem os anjos que vêm servi-lo como serviram ao senhor Jesus. Quantas vezes o povo ouviu ecoar pelos vales o uivo dos espíritos malignos, aterrorizados e violentamente abatidos. Quantas vezes apareceu na gruta o clarão celestial, a luz dos anjos que testemunhavam os dons divinos.

⁷⁶ 62 (63), 3.

Mas foi no seu passamento que se revelaram divinamente os copiosos frutos de tão intensa penitência eremítica. No momento de sua morte, todos os sinos das cidade e vilas vizinhas começaram a tocar. O povo viu e ouviu os sinos manobrados invisivelmente pelos anjos, como se, por coincidência, todas as igrejas tivessem começado a tocar ao mesmo tempo. Como todos atestam, tocaram os sinos de Montichiello, Montepulciano, Corsignano, Monte Follonico, Chianciano, Castiglioncello, Rocca, San Quiricxo, Montalcino e Sarziano. Foi um acontecimento grandioso, inaudito, um acontecimento celestual! De todas as partes o povo acorre rumo a este ecoar que se difunde, rumo a um espetáculo jamais visto.

Finalmente, é na glória que se manifesta a grandeza de sua alma, através de cinco sinais visíveis.

Primeiro: todo o povo que procurava ansiosamente compreender porque tantos sinos tocassem sozinhos, viu sobre a gruta de Benincasa uma clarão celestial que projetava seus raios em todas as direções, como os raios do sol que se refletem num teto dourado, assim como acontece em Roma no alto do Capitólio.

Segundo: seu corpo foi encontrado na gruta ajoelhado diante do altar, com os braços suplicantes elevados para o céu e os olhos abertos voltados para o alto, como se ainda estivesse vivo. Deste modo quis a Divina Providência mostrar na hora da morte como ele tinha sido durante a vida, exatamente como Antônio encontrou Paulo primeiro ermitão.

Terceiro: deixo de lado, por motivo de brevidade, as doenças de toda espécie que foram curadas no contato com ele.

Quarto: Assim como sete cidades da Grécia, isto é, Esmirna, Rodes, Colofone, Salamina, Chio, Argos e Atenas pleiteiam o corpo de Homero, assim acontece com os povoados cujos sinos tocaram sozinhos, principalmente Montepulciano, onde havia um convento da Ordem dos Servos de Maria na qual Benincasa tinha feito a profissão, e Montechiello, onde vivera escondido numa gruta, fazendo penitência, e donde havia partido para a glória.

Quinto: Por fim, para acabar com as contendas, decidiram de comum acordo, inspirados por Deus, tomar dois touros bravios, os quais, sem ser guiados por ninguém, levariam o corpo do bem-aventurado na direção estabelecida por Deus. E os dois rumaram diretamente para Montechiello e se ajoelharam diante da igreja de São Martinho, que se encontra aquém dos muros do povoado. Ali o corpo foi deixado e, pelos inúmeros e evidentes milagres operados, foi venerado antes pelos animais do que pelos homens. Neste local, com muita devoção, o povo de Montichiello, evocando os inúmeros dons celestes obtidos por intermédio de Benincasa, decidiu construir, em 1494, um convento dos Servos de Maria.

Portanto, ó minh'alma, se queres imitar o Senhor Jesus no deserto com uma vida casta, posto que Ele é Deus, segue pelo menos as pegadas deste e de outros homens penitentes. Eis o tempo favorável, eis o dia da salvação, grita Paulo na carta que hoje lemos (2Cor 6), para que possas obter aqui a graça, e no futuro, a glória eterna.

**Da obra *Chronicon Ordinis Servorum*
De frei Miguel Poccianti**

A obra Chronicon de frei Miguel Poccianti foi escrita em 1567 e, por isso, ultrapassa os limites cronológicos deste volume. Mas a fonte das informações acerca da vida de Benincasa é do século XV. Frei Miguel cita um certo Francisco de Montepulciano, provavelmente contemporâneo do bem-aventurado benincasa e autor de uma Legenda que hoje está perdida.

Edição: P. M. SOULIER, *Michael Poccianti Chronicon rerum Ordinis Servorum B. M. Virginis excerpta (1567)*, in *Monumenta OSM*, XII, Bruxelles 1911, p. 75-76.

Se as informações do R. P. M. Cosme de Florença⁷⁷ são fundadas, entre os outros santos homens que ilustraram a Ordem com suas virtudes e vida santa encontra-se o bem-aventurado Benincasa de Florença, servo fiel e prudente da Virgem Maria. Quando ainda jovem, ao ouvir um pregador explicar as palavras “*Iniciar a vida sob o jugo e coisa boa*”⁷⁸, logo, deixando tudo. Empenhou-se totalmente na luta contra as tetações do diabo, do mundo da carne com o escudo da virgindade, com o qual conseguiu rechazar virilmente todos os dardos dos inimigos.

Para poder levar adiante mais eficazmente a luta, com 25 anos de idade, dirigiu-se ao Monte Amiata, na região de Sena, no mesmo lugar em que o bem-aventurado Filipe havia levado vida retirada e penitente. E numa rocha no alto do monte construiu uma cel. Ali, com a porta cuidadosamente trancada, entregou-se a longos jejuns, mostrando-se aos que o visitavam só através da janela, sem jamais deixar-se ver e ouvir por mulheres.

Quando tentado pelo demônio da impureza, não pedia a Deus que o libertasse do combate mas que lhe desse forças. Quando estava doente, não permitia que ninguém entrasse na sua cela, dizendo: “*Foi-me dado o fogo para queimar a ferrugem*”. Se aqueles que o visitavam lhe fizessem ofertas, não as aceitava, mas, satisfeito com um pedaço de pão e um pouco de água, dizia: “*O nosso adversário é vencido mais facilmente por aquele que nada possui*”. Aos que lhe davam o necessário para viver retribuía com alguns objetos que fazia com suas mãos. Com o sinal da cruz livrou algumas pessoas atormentadas por espíritos malignos. Os doentes que tomavam da água abençoada por ele recuperavam a saúde.

Assim padre Francisco de Montepulciano escreve para a honra deste homem.

Depois de perseverar neste estilo de vida até os 50 anos de idade, por ordem do prior geral foi transferido para o convento de Mntichiello, onde alcançou a glória do reino celeste. No momento de sua morte ouviram-se vozes de anjos. Doentes acometidos de várias enfermidades, que tocaram em seu santo corpo, recuperaram a saúde. Seus ossos repousam honrosamente na igreja paroquial de Montichiello.

III. BEM-AVENTURADA ISABEL PICENARDI

Introdução

⁷⁷ Cosme Favilla, que escreveu em 1511 a obra *De origine Ordinis Servorum Beatae Mariae Virginis*. Sobre Benincasa, de quem demonstra pouco saber, diz que nasceu em Florença e que viveu uma vida íntegra por longos anos (Cf. *Monumenta OSM*, XI, p. 163).

⁷⁸ *Lamentações* 3, 27.

Em 1493-1495, os primeiros catálogos hagiográficos datados trazem os nomes de Juliana Falconieri, *Richadonna* de Cremona, *Isabel* de Mântua e *Bartoloméia* de Sena⁷⁹. Mas só de Isabel Picenardi de Mântua (1428 aprox.-1468) existem documentos da época.

D. Montagna descobriu o que ele julga ser o texto de uma antiga legenda da bem-aventurada Isabel numa cópia do início dos anos Seicentos, intitulado *De gestibus b. Elisabeth de Picenardis* (Roma, Arquivo Geral OSM, *Annalistica*, miscellanea B. *Filza 2. Beati*, inserto n. 33), amplamente utilizada por frei Arcângelo Giani (*Annales OSM*, I, p. 526-527). Esse texto, escondido sob verniz setecentista, deveria ser siduado entre 1468 e 11472, portanto, logo depois da morte da bem-aventurada, ainda mais que “a «Legenda» – como d afirma D. Montagna -, ao contrário do uso corrente, faz uma menção bastante restrita de milagres operados pela bem-aventurada e não traz a lista dos mesmos encontrada numa inscrição votiva do século XV na capela Picenardi da igreja dos Servos de Maria de Mântua”. O primeiro dos três milagres descritos traz a data de 1472⁸⁰.

Entre 1482 e 1483, Paulo Attavanti escreve uma memória da bem-aventurada na sua *Historia urbis Mantuae*⁸¹, substancialmente idêntica ao texto *De gestis*, à parte algumas omissões ou transposições.

São características originais da espiritualidade da bem-aventurada Isabel a recitação diária do ofício divino, a frequência à comunhão⁸², um estilo de vida semi-eremítico e, ao mesmo tempo, marcado por contatos com a comunidade local dos Servos de Maria, que ela conhecera desde criança, e com o povo que a considerava sua “intermediária” junto a Deus e à Virgem Maria.

Nas crônicas do convento de São Barnabé, a bem-aventurada Isabel é muitas vezes citada ao lado de outras irmãs ou terciárias, como Vitória de Gorno, filha de sua irmã Orsina, com quem ela transcorreu os últimos anos de vida⁸³.

Edição: D. M. MONTAGNA, *Nuove ricerche sulla beata Elisabetta Picenardi (+1468)*, “Moniales Ordinis Servorum”, 1 (1963), p. 23-27 (texto da “Legenda”, p. 29-32).

Bibliografia: *Die 19 februarii B. Elisabeth de Picenardis virginis* [A. M. DAL PINO], “Studi Storici OSM”, 15 (1965), p. 75-80.

Do texto *De gestis b. Elisabeth de Picenardis*

Isabel, nascida em Cremona em 1428, filha de Leonardo⁸⁴, educada desde a infância em Mântua, tinha tão grande devoção à Virgem Maria que abraçou para

⁷⁹ Cf. *Monumenta OSM*, XII, p. 111.

⁸⁰ A inscrição, que hoje não existe mais, pode ser recuperada através de uma cópia feita em 1602 pelo pároco de São Barnabé e de uma nota de frei Arcângelo Giani (*Annales OSM*, I, p. 526, 2GH).

⁸¹ Sobre os manuscritos da *Historia urbis Mantuae* cf. D. M. Montagna, *Nuove ricerche sulla beata Elisabeletta Picenardi*, “Moniales Ordinis Servorum” 1 (1963), p. 48.

⁸² Note-se que na época foi concedido aos frades e às terciárias o privilégio de comungar nas cinco grandes solenidades: Páscoa, Pentecostes, Natal, Assunção e Natividade de Nossa Senhora.

⁸³ Cf. PIERMEI, *Memorabilium*, III, p. 290-291. Frei Arcângalo Giani fala também de duas mulheres da época, com o mesmo nome da bem-aventurada Isabel, uma de sobrenome *de Tobaleis* e outra *Recordatis* (*Annales OSM*, I, p. 527).

sempre a castidade, vestindo o hábito virginal dos Servos de Maria, embora o pai, então administrador do marquês Gonzaga, tivesse tentado várias vezes dá-la como esposa a homens ricos e nobres. Ela, que ficou virgem para sempre, ainda na flor da idade juvenil e por toda a vida passou a usar sobre a carne o cilício e um cinto de ferro de quatro dedos de largura. Cada dia rezava o ofício divino segundo o rito da cúria romana⁸⁵, freqüentemente buscava forças na santa comunhão que recebia das mãos de frei Barnabé de Mântua⁸⁶, o qual todos os dias a ouvia em confissão. Ao receber esses sacramentos prorrompia em lágrimas.

Seu corpo foi sacrificado por muitas enfermidades, principalmente depois da morte do pai, quando passou a viver junto com sua imã Orsina ou Ursulina, esposa do gentil-homem Bartolomeu de Gorno. Ali permaneceu até o fim da vida, numa cela separada, não longe da igreja de São Barnabé, da Ordem dos Servos de Maria, na localidade denominada *Del Cigno*.

Como se fosse um oráculo, as pessoas acorriam a ela, considerando-a, de certo modo, uma “intermediária” confiável entre elas e a bem-aventurada Mãe de Deus. Dotada do dom da profecia, predisse o dia e a hora do seu passamento. Aproximando-se o dia da morte, embora acometida por nove dias seguidos por cólicas violentas, agradecia continuamente a Deus e a Santíssima Virgem não só porque morria tendo conservado intacta a flor da virgindade, mas também porque jamais havia pedido algo à Mãe das graças sem ser atendida.

No momento de passar desta vida foi vista profundamente absorta, como se estivesse escutando uma melodia divina. Em meio a dores atrozes, conseguia exprimir a sua alegria mantendo o rosto alegre, o aspecto sereno, os olhos atentos como se estivesse vendo diante de si nosso Senhor Jesus Cristo e sua piíssima Mãe.

Foi então que aconteceu este fato admirável: no mesmo instante em que o pedreiro terminava o túmulo para ela e seu pai na capela de São Bernardino, mandado construir pelo próprio Leonardo à esquerda da capela-mor de São Barnabé, ela também foi chamada às núpcias eternas e, rodeado de esplendor divino, expirou. E sepultada no lugar onde havia disposto em testamento, mostrou todo o seu esplendor através de muitos milagres. Morreu na sexta-feira 19 de fevereiro de 1468.

Saiu desta vida suportando virilmente seus sofrimentos junto com Jesus Cristo crucificado. Depois da morte, a muitos apareceu levando-lhes conforto. E uma vez que em vida tinha suportado corajosamente enfermidades atrozes, depois da morte trouxe conforto a pessoas acometidas de vários tipos de doença. De suas preciosas vestes saía uma força tão poderosa de cura⁸⁷ que inúmeros doentes, acorrendo a ela, tocavam suas vestes e ficavam curados. Uma menina caiu no lago de Mântua e ficou debaixo d'água quase meia hora: de lá foi tirada com vida graças aos méritos da bem-aventurada Isabel, a quem fora feita uma promessa.

⁸⁴ O nome da mãe, Paula “de Nuvolonibus”, mantuana, encontra-se em documentos notariais do Arquivo de Estado de Mântua.

⁸⁵ As crônicas do convento de S. Barnabé registram que a bem-aventurada Isabel deixou como herança ao mesmo convento o seu breviário manuscrito, que era então uma raridade mesmo nas comunidades religiosas. Cf. PIERMEI, *Memorabilium*, III, Appendice III (A. M. Vicentini), p. 288-290.

⁸⁶ O nome deste frade mantuano aparece nos documentos do convento de São Barnabé a partir de 1454 até 1470. Nos anos de 1469 e 1470 é lembrado como confessor. Note-se que o convento pertencia à Congregação da Observância desde 1448.

⁸⁷ Cf. *Marcos* 5, 28-30.

Da Historia urbis Mantuae de frei Paulo Attavanti

A irgem de Deus Isabel, da nobre família cremonesa dos Picenardi, da santa Ordem dos Servos da gloriosa Virgem Maria, deve ser lembrada por estes importantes motivos.

Em primeiro lugar, pela glória eterna de sua virgindade: trono de Deus e céu de Deus, recusou várias propostas de casamento com gentis-homens de grande poder. No omento da morte, entre outras coisas agradeceu ao Altíssimo porque morria conservando a riqueza eterna da sua virgindade e porque nunca havia pedido alguma coisa à Mãe das Graças que não tivesse sido por ela atendida. Certamente, ele foi um grande dom do amor maternal.

Em segundo lugar, por sua piedade, expressa não só no hábito da viuvez da Virgem gloriosa, mas também no culto divino. Todos os dias celebrava o ofício segundo o rito da igreja romana e freqüentemente recebia os sacramentos da confissão e da comunhão, derretendo-se em lágrimas.

Em terceiro lugar, pela penitencia: desde o vigor da juventude até os 38 anos de idade, quando voou para o céu, carregou no corpo um cilício e uma cintura da largura de quatro dedos (mostrada a Deus mas escondida de todos)..

Em quarto lugar, pelo dom da profecia. O povo da cidade buscava os seus conselhos como se fossem oráculos divinos, considerando-a “intermediária” de Deus e da Virgem Maria. Predisse também o tempo de sua morte, isto é, quando a construção da sua cela, isto é, do seu sepulcro, estivesse terminada. E assim aconteceu: no mesmo instante em que o pedreiro fechou o sepulcro, ela fechou docemente os olhos. Falou dos males que deviam ser evitados. Muitas vezes predisse os bens futuros que deviam ser perseguidos e o que deveria ser feito de importante. Quando ainda estava viva, provou com milagres sua inocência e santidade.

Em quinto lugar, por seu passamento, quando foi vista absorta como se estivesse escutando uma melodia divina. Seu rosto transpirava alegria e serenidade. Tinha os olhos abertos e voltados para o alto como se estivesse vendo Jesus e sua piíssima Mãe, e toda radiante de divino esplendor entregou o espírito. Seu nobre Esposo chamava-a para as núpcias eternas. Seu corpo encontra-se na igreja de São Barnabé até o dia do juízo.

E sexto lugar, por fim, pelos freqüentes e cada vez mais evidentes milagres operados depois da morte. Primeiro, em inúmeras aparições; depois, na cura de doenças humanamente incuráveis; e por fim, acrescente-se o milagre maior, isto é, a ressurreição de uma menina que caiu no lago, ficou submersa meia-hora, diante da promessa feita à bem-aventurada Isabel, graças aos seus méritos e por vontade de Deus, foi tirada para fora viva. Até mesmo das roupas que ela havia deixado emanava uma poderosa força de cura. Por isso, ao tocar as vestes, doentes ficavam curados e muitas graças eram concedidas.

IV. B. JERÔNIMO DE SANT'ANGELO IN VADO

Introdução

O bem-aventurado Jerônimo, nascido em Sant'Angelo in Vado no omeço do século XV, pertencia provavelmente à família Ranuzzi (ou Ranucci).

Seu nome, como frade Servo de Maria, aparece pela primeira vez num documento capitular de 1449⁸⁸ do convento de Sant'Angelo in Vado, no qual ele é definido como “homem religioso e venerável..., bacharel em teologia e vigário do reverendo padre provincial da Província do Patrimônio...”.

O título de bacharel aparece também em declarações dos seus contemporâneos, frei Gasparino Borro e frei Simão de Castellazzo. Nenhum documento prova que ele tenha lecionado teologia, embora G. Alasia fale de “leituras pública”, isto é, de aulas de teologia na cidade de Perúsia⁸⁹.

Há dois episódios salientes na vida deste bem-aventurado.

Primeiro, ele contribuiu para a fundação do mosteiro feminino de Santa Maria das Graças⁹⁰. Essa fundação monástica feminina ocorrida exatamente nos últimos anos do longo governo geral de frei Nicolau de Perúsia (1427-1461) revela a estima que o bem-aventurado Jerônimo nutria pela contemplação e o silêncio.

O bem-aventurado, além disso, foi conselheiro de Frederico di Montefeltro, duque de Urbino. Este carisma especial de discernimento lhe é reconhecido por frei Gasparino Borro.

Dois documentos da época constituem interessante testemunho em favor desse relacionamento do bem-aventurado com o duque de Urbino.

O primeiro documento é o pedido que Francisca, viúva de Arcângelo Ranucci, faz a Frederico, em outubro de 1470, para que isente seus filhos das taxas. O duque concede a Francisca todas as facilidades possíveis “para que a senhora e seus filhos não tomem o caminho errado e saiam do nosso território”⁹¹. Essa concessão extraordinária pode ser explicada pelos sentimentos de gratidão que o duque de Urbino nutria pelos serviços que lhe havia prestado um membro da família Ranucci que, com muita probabilidade pode ser o bem-aventurado Jerônimo, seu conselheiro.

O segundo documento refere-se à decisão do prior geral, frei Cristóvão de Giustinopoli (1461-1485) de reservar o “quarto do prior geral” do convento de Sant'Angelo in Vado “para uso e beneplácito do ilustríssimo Príncipe Duque de Urbino e dos seus embaixadores”. O documento, lavrado em junho de 1478, comprova as relações do duque com o convento dos Servos de Maria⁹².

Morreu deve ter ocorrido entre 1466 e 1471.

*Da obra Triunfos, sonetos, canções e louvores
da gloriosa Mãe de Deus a Virgem Maria
Gasparino Borro*

⁸⁸ O documento, hoje desaparecido, existia ainda em 1770 quando foi iniciado o processo de beatificação, no pontificado de Clemente XIV.

⁸⁹ G. ALASIA, *Alfabeto histórico che con vivi esempi di chi ha ben servito a Dio, insegna a ciascuno la via del Paradiso*, Firenze 1622, p. 393.

⁹⁰ D. M. MONTAGNA, *Origine Del convento vadese di s. Maria delle Grazie*, “Moniales Ordinis Servorum” 2 (1964), p. 36-46.

⁹¹ Arch. Com. Di Sant'Angelo in Vado. *Reformationes*, vol. II, na data de 25 de outubro de 1471.

⁹² U. M. BATALONI, *Sulla vita del beato Gerolamo Ranucci da Sant'Angelo in Vado. Note storiche* (Arquivo Geral OSM, Roma), f. 19.

Triumpho VI, cap. III, in *Monumenta OSM*, XI, 138-139

Veio depois o bacharel que envolveu
O coração e a boca com duplo freio⁹³
De cujo conselho e virtude colheu (???)⁹⁴.

Sant' Angelo o conheceu e viu o curso
De áspera penitência e duro pranto,
E viu o mundo que ele domou seu dorso.
Alegria comum se torna e doce canto,
Triunfo e glória para nossos conventos,
Feliz quem carrega o sagrado manto.

Da obra *Chronicon Ordinis Servorum beatae Mariae Virginis*
Frei Simão de Casteluzazzo (Pellati)

Trechos do *Chronicon* composto entre o final do século XV e o início do século XVI, são transcritos resumidamente por frei Arcângelo Giani, principalmente em *Notulae historicae in quatuor centúrias Annalium Ordinis Servorum beatae Mariae Virginis*⁹⁵. No manuscrito *Notulae*, à folha 206, frei Arcângelo escreve:

[Frei Simão de Castellazzo] chama-o de bacharel em sagrada teologia, doutíssimo e tido em grande estima pelo Duque de Urbino, que se servia dos seus conselhos, quando vivo, nos assuntos mais assuntos. Chamo-o também de espelho de penitência e de doutrina. E diz que a comunidade de Sant' Angelo celebra anualmente sua memória com rito solene.

V. B. TIAGO FILIPE BERTONI

Introdução

A biografia deste bem-aventurado foi escrita por Nicolau Borghese, de quem o Volume I das *Fontes Histórico-espirituais dos Servos de Santa Maria* já publicou a transcrição em latim humanista da Legenda de São Peregrino.

Nascido em Sena em 1432, Nicolau Borghese foi secretário e embaixador da República de Florença e por vários anos lecionou disciplinas humanistas e filosofia moral no Centro de Estudos de Sena. Distinguiu-se também por sua profunda religiosidade. Num momento de forte depressão, encontrou-se com Miserino Bertoni, pai do bem-aventurado Tiago Filipe, que passava por Sena em viagem para Roma, e dele recebeu de presente a fímbria da capa do bem-aventurado Tiago Filipe, onde estava costurado broche do pescoço. Na esperança de sarar, foi em peregrinação a

⁹³ Alusão ao silêncio exterior e interior que caracterizava o bem-aventurado Benincasa.

⁹⁴ O silêncio era a fonte do discernimento.

⁹⁵ D. M. MONTAGNA, *Fra Acangelo Gianni Annalista dei Servi (1552-1623)*, “Bibliografia dell’Ordine dei Servi”, III, Bologna, Centro di Studi OSM, 1973, p. 518-521. O manuscrito *Notulae* continua inédito e se encontram na Biblioteca Nacional de Florença, *Conventi soppressi*, A. IV, 1484-1486.

Faenza para visitar o túmulo do bem-aventurado Tiago Filipe. O prior do convento, frei Tadeu de Arezzo, pediu-lhe que escrevesse a vida e os milagres do bem-aventurado. Nicolau aceitou. Teve como fontes de informação o testemunho do pai Miserino e dos confrades do convento de Faenza, bem como de inúmeros milagres registrados na igreja dos Servos de Maria. Contemporaneamente, Nicolau escreveu também as biografias de São Filipe, dos bem-aventurados Joaquim e Francisco de Sena, de São Peregrino, e um opúsculo sobre as origens da Ordem.

Ao voltar para Sena, sentiu-se logo curado. Convencido de ter sido agraciado pelo bem-aventurado Tiago Filipe, voltou novamente para Faenza, onde mandou escrever uma epígrafe no seu túmulo e acrescentou, em apêndice, mais esse aos sessenta e um milagres narrados na sua biografia.

As lutas internas da sua cidade natal foram sua ruína. Assaltado pelos capangas de Pandolfo Petrucci, seu genro, foi ferido mortalmente. Antes de morrer (1500), quis que a mão direita, que fora cortada na luta, fosse colocada na capela de Santa Catarina, na igreja do Espírito Santo, pela qual sempre tivera grande devoção e de quem escrevera a vida.

A credibilidade da biografia do bem-aventurado Tiago Filipe é cabalmente confirmada pelos documentos ainda hoje estão a nosso dispor. Em primeiro lugar, o registro de entradas e saídas do convento de Faenza, de 1475 a 1484; depois, os atos notariais do arquivo de Faenza; e, por fim, três “louvações” em língua popular, escritas antes de julho de 1484 por um ou mais religiosos que conviveram com Tiago Filipe e o conheceram pessoalmente.

Do relato de Nicolau Borghese emerge a figura de um asceta rigoroso e solitário, obediente às normas conventuais e litúrgicas, desapegado dos atrativos humanos, totalmente voltado a aumentar sempre mais a sua comunhão com Deus. Contudo, todo esse rigor era temperado pelo calor de sua grande humanidade, que transparecia na sua conduta meiga e serviçal e na capacidade de criar amizades profundas e estáveis.

A multidão que ocorreu no dia de sua morte e os inúmeros milagres operados testemunham a sua popularidade, embora tivesse transcorrido quase toda a sua breve existência dentro dos muros do convento, como se fosse um eremita. Seu culto propagou-se logo após a morte.

Edição: *Beati Iacobi Philippi Faventini Vita per Nicolaum Burgensium edita*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, IV, Bruxelles 1900-1901, p. 63-81.

Bibliografia: A. M. SERRA, *Santorale antico dei Servi della provincia di Romagna*, Bologna 1967, p. 69-104.

VIDA DO B. TIAGO FILIPE

1. Tiago Filipe nasceu em Faenza, filho de Miserino de Cella⁹⁶ e Dominga, bons pais e de condição modesta. Antes de ingressar na vida religiosa, chamava-se André. Quando tinha dois anos foi acometido pela epilepsia. O pai fez então a promessa de oferecê-lo a uma Ordem religiosa se ficasse curado. Desde os primeiros anos de sua

⁹⁶ Cella di Monte Chiaro dista cerca de cinco quilômetros de Faenza

infância, André começou espontaneamente a freqüentar as igrejas. Não o satisfaziam os folguedos e brincadeiras que atraem as crianças. Tímido e taciturno por natureza, era inclinada à solidão.

2. Quando tinha cerca de nove anos, o pai, para cumprir a promessa feita, o entregou à Ordem dos Servos da Santa Virgem Maria⁹⁷. André renasceu no espírito e no nome, uma vez que passou a chamar-se Tiago Filipe. Era ainda criança, mas já se distinguia pela obediência e pela fiel observância do regulamento conventual. Já adulto, passou a praticar freqüentes jejuns e vigílias. E dedicava-se com grande amor ao estudo dos Evangelhos e da Sagrada Escritura⁹⁸. Parecia deleitar-se profundamente com a leitura assídua dos Padres e com os exemplos de castidade, obediência e humildade dos santos. Desde jovem adquiriu conhecimentos literários que lhe deram condições de compreender com facilidade e exatidão as obras dos autores cristãos e dos clássicos latinos mais conhecidos⁹⁹. Conhecia perfeitamente e observava com muita atenção os ritos e cerimônias da Igreja e da Ordem, bem como as rubricas do ofício divino¹⁰⁰.

3. Ocupou alguns cargos¹⁰¹, que exerceu com ao grado de todos os frades. De fato, era de índole afável e meiga e estava sempre pronto a satisfazer, na medida do possível, os desejos dos outros. Nunca foi visto nervoso ou irritado. Suportava com grande serenidade as ofensas recebidas, mas ela jamais ofendeu alguém. Moderava a língua, evitando palavras inconvenientes e vãs. Se alguma vez lhe ocorria de ouvir na conversação algumas palavra trivial, advertia o culpado alterando suas feições e, depois de breve admoestação, retirava-se.

4. Recebida a dignidade sacerdotal¹⁰², celebrava o sacrifício com incomparável devoção e respeito, comovendo-se até às lágrimas. Ninguém mais do que ele, enquanto tinha a hóstia nas mãos, contemplava tão profundamente o mistério da cruz.

Foi inimigo do ócio, que ele definia como receptáculos de todos os vícios. Estava sempre presente com os outros frades no canto e na recitação coral. TRanscoria o resto

⁹⁷ A entrega de crianças (oblato) a um convento, difundida no contexto monástico, instaurou-se também nas Ordens mendicantes a partir do século XIV. Tiago Filipe teve outros três irmãos religiosos: frei Pedro e frei Paulo, da Ordem dos Pregadores, e o mestre Filipe de Faenza, dos Servos de Maria, que se encontrava no convento local pelo menos desde 1486 e que foi prior do mesmo convento em 1504. Na época, o convento de Faenza era um dos mais importantes da Ordem: foi sede do capítulo geral de 1468, hospedou reiteradas vezes personalidades ilustres da Ordem e contou com frades famosos. Dois frades do convento foram nomeados bispos da cidade: Francisco Zanelli (1438-1454) e João de Sena (1455-1457). A família dos Manfredi, príncipes da cidade, tinham seu túmulo na igreja dos Servos de Maria.

⁹⁸ No original “*Sacra pagina*”, isto é, a Escritura meditada durante a *lectio divina*.

⁹⁹ O amor ao estudo não só dos autores cristãos, mas também da latinidade clássica deriva do clima cultural da idade humanista-renascentista à qual nem o bem-aventurado conseguiu furtar-se.

¹⁰⁰ Cf. os oito formulários de missas que frei Nicolau de Maneto de Pistóia, residente no convento de Faenza, diz ter recebido do B. Tiago Filipe: cf. p. (???) do presente volume. O zelo pela liturgia transparece também nas despesas feitas por ele, quando era procurador do convento, para a encadernação de três antifonários, um misal, um saltério e outros livros da comunidade e para a compra de um barril de vinho de missa (cf. *Libro d'entrata e uscita del convento di Faenza dal 1475 al 1484*, f. 32).

¹⁰¹ Foi procurador (ecônomo) do convento de maio de 1478 a abril de 1479.

¹⁰² Deve ter sido ordenado por volta de 1478-79, quando tinha cerca de 25 anos, idade canônica estabelecida pelo Concílio de Viena (1311). Também São Filipe e o bem-aventurado Francisco de Sena foram ordenados com esta idade (cf. *Monumenta OSM*, I, p. 102-103, n. 57-59; V, p. 25, n. 8 e 10).

do tempo na cela, às vezes rezando, outras, lendo¹⁰³. Às vezes, amenizava o cansaço de sua aplicação mental fazendo algum trabalho de tecedura ou de expressão artística¹⁰⁴, de forma a estar sempre ocupado com alguma coisa. Passeava solitário pelos corredores, sempre de cabeça baixa e recolhido em mediação.

Lia com paixão não só os livros da Escritura, mas também as obras de São Jerônimo. Em modo particular, era leitor assíduo do opúsculo sobre o passamento, ou melhor, a morte de São Jerônimo¹⁰⁵. Já meditava só as realidades eterna e nutria-se mais com a substância da virtude celeste do que com alimento corporal: comia uma só vez ao dia e contentava-se com comida escassa e pouca saborosa. Mas se o superior insistia, ele comia do que era servido à comunidade. Às sextas-feiras, em memória da Paixão do Senhor, usava cilício e comia somente ervas.

Nada lhe dava maior desgosto do que ouvir palavras de elogio a seu respeito. Esta sua atitude foi deveras singular em nosso tempo, a ponto de conseguir ocultar sua realidade interior e suas grandes virtudes¹⁰⁶. Embora todos os considerassem um frade bom e reto, a estima que os outros tinham dele era, sem dúvida, muito inferior à estimava de que gozava diante de Deus. A exemplo do Salvador, quis ser desprezível e desprezado pelos outros e, no seu íntimo, nada mais desejava do que agradar em tudo a Deus, seu Pai e Criador, e seguir o caminho do nosso Redentor. Por isso, todos os seus desejos eram voltados para a riqueza que se não corrompe. A tal ponto a sua mente estava concentrada nas coisas celestes que só aspirava as alegrias da vida eterna.

6. Aproximava-se o último dia de sua vida. Caiu enfermo¹⁰⁷. Seu semblante o traía, mais que suas palavras. De fato, quando lhe perguntavam como se sentia, respondia prontamente: “*bem, segundo a vontade de Deus*”. Como sempre havia feito em todas as circunstâncias, também diante da morte o santo homem não teve um gesto de impaciência ou de queixa. Apesar de doente, não ficava na cama, mas andava para cá e para lá. No dia antes de morrer participou com seus confrades, na igreja, do canto das Matinas. Na manhã do dia anterior, havia celebrado a missa.

7. Era seu confidente frei Simão Mattioli, homem de grande equilíbrio e retidão, com quem por longos anos havia compartilhado o quarto e a enxerga¹⁰⁸. Alguns dias antes de partir desta vida, frei Tiago Filipe chamou frei Simão e lhe confidenciou algumas visões que tivera no coro durante o momento de silêncio. Nelas lhe haviam sido mostradas as penas eternas dos condenados ao inferno, os tormentos dos que se

¹⁰³ *Orare et legere*: é a jornada do monge marcada pela oração e pela *lectio divina*.

¹⁰⁴ Os verbos usados ‘*intexere*’ e ‘*figurare*’ levam a pensar em tecitura e arte figurativa (mosaico ? pintura?).

¹⁰⁵ *Eusebius, de morte Hieronymi*: PL 22, 239-282.

¹⁰⁶ Bernardino Azzurrini (1542-1620), historiados de Faenza, lembra que Tiago Filipe com três sinais-da-cruz curou Tiago Moni de uma fístula nas costas. O bem-aventurado proibiu-lhe de contar o fato. Mas depois da sua morte, Tiago Moni tornou-o público e, com sinal de gratidão, colocou a sua imagem no túmulo dele.

¹⁰⁷ De maio de 1478 e, principalmente, de meados de 1480 até à véspera da morte, o livro de administração registra muitas vezes a compra de remédios, carne de carneiro e de frango para” frei Tiago Filipe... enfermo”, para que “comesse daquilo que quisesse..., uma vez que não comia do que era preparado para os outros frades..., não comia carne vermelha..., não comia comida quaresmais” (*Libro dell’entrata e uscita*, f. 72v; 91v, 93v, 107v, 110v).

¹⁰⁸ Trata-se de frei Simão de Evangelista Mattioli, irmão leigo, como consta no registro de administração do convento. Seu nome aparece em documentos notariais de 4 de dezembro de 1468 e de 7 de julho de 1491

purificavam dos pecados, mas com a esperança da vida futura, e por fim, lhe haviam sido postas diante dos olhos as alegrias da salvação eterna e a glória do reino celeste.

8. Na noite antes de morrer, visitou um a um todos os confrades, pedindo-lhes humildemente perdão e suplicando que no dia seguinte, na recitação do ofício divino, implorassem a Deus pela salvação de sua alma que – como dizia - logo se desligaria dos laços do corpo. No dia seguinte, o último de sua vida, pensava em celebrar a missa, mas principalmente frei Clemente¹⁰⁹, a quem ele sempre tivera em conta de pai, lho proibiu devido à doença. Estendeu-se um pouco na cama, lendo como sempre o ofício divino e tendo junto a si um crucifixo que beijava com freqüência. Depois percebeu que lhe faltavam as forças. Pousou o livro que tinha nas mãos, mexeu a cabeça e teve um leve estremeamento. Frei Simão, que estava perambulando pelo quarto, percebeu e precipitou-se imediatamente junto a ele. Tinha apenas terminado as orações de encomendação da alma, que o santo homem, no domingo em que se celebra a festa da Santíssima Trindade, por volta das três da tarde do dia 25 de maio, retornou vitorioso para a pátria celeste. Tinha então 29 anos de idade.

De estatura superior à media, era tão magro que tinha a pele aderente aos ossos. Tinha o rosto sutil e alongado, nariz bastante comprido, olhos profundos, pescoço ereto, dedos delgados e uma palidez impressionante.

9. Depois de ser elevado ao prêmio celeste, seu corpo, como de costume, foi lavado pelos confrades no quarto e então se constatou que estava totalmente tomado pela sarna e por feridas provocadas pela doença e pela austeridade do seu estilo de vida. Todos os confrades ficaram muito tocados por isso. Vestido depois com o hábito religioso, foi transportado para um lugar preparado e fizeram as orações de costume. Homens e mulheres de Faenza, todos juntos, acorreram logo que ouviram a notícia da morte do frade.

10. Genebra. Uma mulher de Faenza, há três anos sofria de uma inchação no joelho direito. Cheia de piedade e de fé, dirigiu-se até o corpo exposto e colocou as mãos sobre o joelho enfermo. Logo, chorando de alegria, mostrou diante de todos que estava curada.

11. Depois os frades o levaram para ser sepultado no túmulo que se abre no coro da igreja. Dada a notícia, enquanto um pregador ilustrava os fatos de sua vida e se preparavam os ritos das exéquias, o povo de Faenza acorreu de todas as partes à Igreja, protestando em altos gritos contra o seu sepultamento. Neste ínterim, alguns enfermos da cidade que se haviam aproximado do santo corpo, foram curados. Por isso, com o parecer favorável de todos, seu corpo foi deixado sobre o esquife.

¹⁰⁹ Trata-se de frei Clemente Lusi de Faenza, prior do convento em 1461-62 e 1478-79 e vigário geral da Ordem de 1468 a 1472. Pode ter sido encarregado da educação do Tiago Filipe quando ingressou na vida religiosa: isso explicaria o relacionamento filial que Tiago tinha com ele. A amizade do B. Tiago Filipe com frei Simão e frei Clemente consolidou-se com o projeto de fundar uma fraternidade do tipo eremítico, dedicada a “Santa Maria Nova”, perto da tafone de Persolino, pouco abaixo de Castelraniero. Foram feitos passos concretos para obter as licenças necessárias e para adquirir o terreno. O projeto, porém, nunca foi executado. A aspiração à vida eremítica é típica da espiritualidade da Ordem no século XV. Basta lembrar os bem-aventurados Benincasa de Montepulciano (+1426), Jerônimo Ranuzzi (+1470 aprox.) e João Ângelo de Milão (+1505).

12. Movido pela notícia dos milagres operados pelo que o santo corpo, Galeotto Primeiro, da nobre família Manfredi, príncipe ilustre e soberano de Faenza, homem de profunda vida cristã e devoto do bem-aventurado Tiago Filipe, dirigiu-se à Igreja no dia em que ele havia expirado, informou-se sobre os fatos e constatou que as notícias correntes correspondiam à verdade. Por isso, houve por bem e decidiu que o corpo glorioso recebesse todas as honras¹¹⁰. Em seguida, seu santo corpo operou tantos sinais e milagres que todos podem facilmente dar-se conta de quanto ele tenha sido agradável a Deus durante a vida. De fato, o corpo, embora separado da alma, é honrado por muitos e se torna glorioso em decorrência dos prodígios divinos operados.

13. É bom que os homens tomem como exemplo o santo estilo de vida deste homem. Ele extirpou do seu coração os espinhos e venceu todos os males, manteve ocultas as suas santas obras e, por isso, mereceu a glória eterna no reino celeste, ele que ainda neste mundo se tornara famoso pela luminosidade dos milagres. Nosso Redentor vê com benevolência a virgindade, a humildade, a paciência, a caridade e os segredos escondidos de um coração ardoroso, que foram a característica peculiar do bem-aventurado Tiago Filipe. Sem nenhuma pretensão, acabamos de escrever a sua vida.

[Seguem 62 milagres operados pela intercessão do bem-aventurado Tiago Filipe. Transcrevemos aqui apenas o último, que se refere ao seu biógrafo].

62. O cavaleiro Nicolau Borghese, aquele que escreveu a vida e os milagres do bem-aventurado Tiago Filipe, era atormentado por uma profunda depressão. Foi-lhe dada uma esperança de salvação. Fez uma promessa, foi até Faenza e se recomendou ao bem-aventurado, suplicando-lhe a recuperação da saúde. Ali ficou alguns dias sem receber a graça pedida, como hóspede do convento de Santa Maria dos Servos, onde havia residido o servo de Deus. Incentivado pelo prior da comunidade, escreveu a história da vida deste santo homem e dos sinais enviados pelo céu, como acima descrito. Depois, partiu, não totalmente curado, mas em melhores condições. De volta a Sena, sua cidade natal, logo começou a sentir-se melhor e reconheceu, sem sombra de dúvida, que havia recebido a graça, invocada com muita devoção, pelos méritos e intercessão do bem-aventurado Tiago Filipe. Para agradecer devidamente voltou a pé até Faenza.

Das Louvações em honra do bem-aventurado Tiago Filipe

O códice que traz a vida do bem-aventurado Tiago Filipe, contém também três louvações escritas em dialeto romanholo por um confrade que convivera com ele no convento de Faenza. Transcrevemos aqui a segunda louvação intitulada: *Ó pecadores, vinde chorar comigo.*

¹¹⁰ O culto do bem-aventurado Tiago Filipe consolidou-se imediatamente. Em 28 de maio, frei Mateus vai a Cesena e a Rimini para convidar os frades para “honrar o bem-aventurado Tiago Filipe”. A solenes exéquias decretadas por Galeotto foram celebradas mui provavelmente em 1º de junho, porque em 31 de maio os dominicanos do convento de Santo André, reunidos em capítulo, recusam-se a participar de uma procissão solene e de cantar a missa na igreja dos Servos de Maria pela morte de um certo frade ao qual se atribuíam milagres.

Edição: *Laudes tres Beati Iacobi Philippi Faventini*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, IV, Bruxelles 1900-1901, p. 81-88.

Ó pecadores, vinde comigo chorar
De alegria por tão grande dom,
Que a nós convém ter
Humildade de coração e contrição.

Este é o princípio da nossa salvação.
Podemos dizer que em nossos tempos
- Que Deus no-lo mostre -
É preciso empenhar-nos na prática do bem.

Procuremos todos o bem praticar,
Porque a justiça chegou até nós;
Seja nossa mente pronta
E solícita, para Deus sempre voltada.

Para não cairmos naquele esquecimento
Das fornalhas ardentes, daquele inferno,
do fogo eterno,
Donde o pecador não mais sairá.

Jamais deveriam sair do coração
Tais palavras no Evangelho escritas:
Ide, malditos,
Ao fogo eterno, condenados para sempre.

Mas fique sempre em nossa mente
Aquele dedo que na cinza apôs seu nome,
Dizendo: Lembra-te, ó homem,
que és cinza e à cinza hás de voltar.

Acorramos, pois, àquela Virgem fiel
Que está no céu para todos ajudar.
Não sejamos mudos:
Vamos a ela que pronta sempre está.

E digam todos: Virgem Anunciada,
Ajuda os habitantes faentinos,
Grandes e pequeninos,
E todos os que sofrem enfermidade.

Volve para nós teu olhar compassivo
E orienta cada um a ser teu devoto

E com coração contrito
Todos para sempre te sirvam e te louvem.

E intercede junto ao Filho onipotente,
Com o teu servo Tiago Filipe,
Em favor do povo aflito
De Faenza, do condado e vizinhança.

Para que todos venerem fervorosos
o servo fiel da tua majestade,
Que a tua virgindade
Fez digno da glória eterna.

Mas falemos um pouco de sua vida,
De sua humildade no olhar e nas ações.
Sempre no seu agir
Parecia um cordeiro por Deus enviado.
Quando eu via¹¹¹ aquele corpo santo
Cabisbaixo, sempre contemplando,
sempre a Deus louvando
com a sua Mãe, com os males que carregava.

Reprendiam-no às vezes os frades,
Ao vê-lo tão aflito e macerado.
E ele sempre mais pronto
A servir a Deus e à Mãe puríssima.

Tantas abstinências que por natureza
Suportar não podia; mas só Deus
A quem é justo e pio
Concede graça, para ser perseverante (???)

Pobreza, obediência ele abraçava,
Jejuns, disciplinas bastante freqüentes;
Creio que entenderás;
E toda sexta-feira o cilício trazia.

E se alguém em segredo lhe perguntava
Por que tal coisa fazia: “Filho - respondia -
Porque na cruz
Morreu meu Senhor nesse santo dia”.

E muitas vezes para não acalorar
Seu corpo puro e santo,

¹¹¹ O autor da louvação é um confrade do bem-aventurado Tiago Filipe que conviveu com ela na comunidade.

Colhia algumas ervas
E comia, e nada mais nesse dia.

Nós pecadores, olhemos ao nosso redor
Se por desejos ou prazeres mundanos
Acreditamos obter
Os bens eternos sem nenhuma fadiga.

Nesta parte convém que eu diga
que tantas iniquidades neste mundo há,
Se Deus se desdenha
Ai daqueles que caem nesses erros!

Volvamos o olhar ao nosso Criador,
E à sua Mãe, da qual nasceu,
E ao beato Tiago Filipe
Que em nossos afãs nos socorram.

Da peste, da guerra e outros malefícios
Que podem advir segundo os desígnios
Secretos de Deus
Como poder adivinhar, se são imprevistos.

Olhemos ao redor os nossos vizinhos,
Afligidos pela guerra e pela peste,
Nós estamos livres:
Louvemos a Deus, à Mãe e ao beato.

Vede quantos benefícios se seguiram
Àquele dia em que sua santa alma
Passou desta vida:
Da peste fomos libertados.

Todos os frades estando reunidos
Foram sepultar aquele santo corpo.
E por Deus convocados
Acorrem os faentinos buscando ajuda.

Em pouco tempo se achegaram todos:
Coxo, paralíticos e muitos outros doentes,
Todos para lá acorreram
e muitos foram curados, gerando estupor.

Parece que Deus enviou um mensageiro
A todo o território circunstante e vizinho.
De fato, grandes e pequenos,

Todos acorriam para tal prodígio contemplar.

Se tiver errado, peço perdão.

Fim

VI. B. TOMÁS VITALI

Introdução

Nasce em Endenna, pequeno povoado bergamasco, por volta de 1425. Em 5 de maio de 1450 ingressa no convento de São Gotardo de Bérgamo, pertencente à Congregação da Observância dos Servos de Maria, Recebe o hábito das mãos de frei Antônio de Bitetto, vigário geral. Sua formação dá-se sob a orientação do primeiro prior do convento de São Gotardo, frei Bento de Bérgamo. Era seu discípulo o bem-aventurado Bartolomeu Savoldi de Vicoforesti.

Terminados os estudos de filosofia e teologia, é ordenado sacerdote e obtém os títulos acadêmicos de bacharel e mestre em teologia. Dedicar-se ao ensino e à pregação. Cresce nele o desejo de retirar-se para levar vida solitária e penitente. Lugar propício para isso é o eremitério de Santa Maria de Montegranaro, perto de Pesaro, que já havia hospedado no século XIV o bem-aventurado Pedro Cresci de Foligno (+1323) e o bem-aventurado Francisco, terciário franciscano de P (+1350). A partir de meados do século XV, o eremitério é agregado ao convento dos Servos de Maria de Pesaro, pertencente à Congregação da Observância, que há muitos anos tem como prior o bem-aventurado Paulo de Chiari. A partir de 1463 é membro desta comunidade também o bem-aventurado Bartolomeu de Veneza.

O prior geral, frei Antônio Alabanti, recorre à ajuda do bem-aventurado Tomás, assim como de outros conhecidos frades da época, como Boaventura de Forlì, João Ângelo de Milão, Lucas de Alexandre de Florença e Paulo de Chiari, para implantar o seu programa de reformas.

Morre em 21 de dezembro de 1490. Em 1810, quando o eremitério de Montegranaro é definitivamente abandonado, os restos mortais do bem-aventurado Tomás são trasladados para a Igreja de Santa Maria das Graças de Pesaro e ali permanecem até 1922, quando a igreja e o convento foram demolidos. O corpo do bem-aventurado Tomás é transferido então para a igreja de São Francisco, hoje Santuário Santa Maria das Graças, e depositado sob o altar dos Sete Santos Fundadores, onde até hoje é venerado.

As fontes literárias mais importantes para a reconstrução da sua vida, espiritualidade e culto são as seguintes:

1. BARTOLOMEO PELLEGRINI, *Opus divinum* (1553), que recorre ao calendário de Bérgamo e às informações orais dos frades Servos de Maria mais idosos do convento de São Gotardo.
2. MARIO MOZZI, *Vita de' beati* (1614), *Delle reliquie insigni* (1616) e *Sacra historia di Bergamo* (1621), onde o autor fornece dados biográficos do bem-aventurado Tomás e fala também do seu culto e da sua iconografia em Bérgamo.
3. ARCANGELO GIANI, *Annales OSM*, I, 1622.

Bibliografia: P. M. ERTHELER, *Il Beato Tommaso Vitali, Servo di Maria*, Pesaro 1991 (Bibliotheca Servorum Romandiola 10).

Do Opus divinum de sacra ac fertili bergomensis vinea

Brixie 1553

Bartolomeu Pellegrini

Trabalhou nesta vinha o bem-aventurado Tomás Vitali de Endenna, cidadão bergamasco, da Ordem dos Servos de Maria, professo do mosteiro de São Gotardo de Bérghamo, com pregações, vigílias, estudos, disciplinas, leituras espirituais, jejuns, mortificação do corpo, orações assíduas pela salvação do povo de Deus e com muitas outras obras de bem.

Por fim, em 21 de dezembro do ano do Senhor de 1490, repousou em Cristo e foi sepultado adornado de milagres no mosteiro de Santa Maria de Montegranaro, da mesma Ordem.

Essas informações foram tiradas do nosso calendário sob o dia 20 de dezembro, e colhidas de alguns frades da Ordem de veneranda idade.

VII. B. BOAVENTURA DE FORLÌ

Introdução

Sobre a vida do bem-aventurado Boaventura de Forlì, do qual não existe nenhuma ‘Legenda’, temos informações colhidas em vários documentos da época: documentos notariais, registros conventuais de entrada e saída e textos literários de autores que o conheceram pessoalmente.

Nascido em Forlì por volta de 1410, fez-se frade na Ordem dos Servos de Maria ingressando provavelmente no convento da sua cidade natal. Em 1448, foi transferido para o convento de Santa Maria dos Servos de Veneza, onde por seis anos dedicou-se aos estudos em vista da pregação e onde, provavelmente, recebeu o título de “mestre” em teologia.

De suas pregações, temos algumas informações sobre datas e lugares. Assim, em 1468, pregou em Veneza; em 1476, em Perúsia durante a epidemia da peste; em 1481, em Florença; na quaresma de 1482, em Veneza; em 1483, novamente em Florença (na catedral, a pedido do Senado e dos cidadãos) e em Bolonha; no domingo de Ramos de 1486 e 1488 na igreja de São Marcos em Veneza perante o Senado; em 1487, na igreja de Santo Alexandre de Bréscia (na ocasião, fundou ali a Sociedade da Anunciada); e em 1488 na igreja de São Petrônio em Bolonha.

Essa intensa atividade apostólica era acompanhada e um grande amor à solidão e à contemplação. Fez inclusive algumas gestões junto ao papa para obter a licença de retirar-se em vida eremítica. Em 31 de maio de 1483, quando era prior no convento de São Marcelo, em Roma, Sixto IV enviou carta ao prior geral, frei cristóvão de Giustinopoli, na qual autorizava frei Boaventura a retirar-se para levar vida eremítica junto com outros seis companheiros - evocação explícita do exemplo dos Sete Santos em Monte Senário -, embora continuando sua atividade de pregador apostólico. Tal

comunidade eremítica dependia diretamente do prior geral e mantinha o hábito e as Constituições da Ordem¹¹².

Este retiro, cujo lugar não conhecemos com exatidão, foi de breve duração, porque em 1485 o bem-aventurado Boaventura participou do capítulo geral de Vetralla (Viterbo) como provincial da Província da Romanha. Era com personalidades fortes como frei Boaventura que o prior geral, frei Antônio Alabanti, eleito em 1485, contava na sua luta para reconduzir a Ordem a uma vida evangélica mais coerente. Essa ação de retomada das forças vivas da Ordem em vista da sua reforma interna gerou algumas incompreensões entre frei Antônio Alabanti e a Congregação da Observância, a qual via no zelo do prior geral uma tentativa de esvaziar a Congregação do seu significado. Em 1488, o capítulo da Observância elegeu frei Boaventura para vigário geral, argo que ocupou por um ano.

Frei Boaventura morreu em 31 de março de 1491 (Quinta-feira santa) no convento de Santa Maria das Graças de Údine. Havia terminado de pregar toda a quaresma na catedral da cidade.

Seu culto, muito vivo logo após a sua morte, só foi oficialmente aprovado em 15 de setembro de 1911.

Da Cronaca perugina de Pedro Ângelo di Giovanni

As pregações feitas por Frei Boaventura em Perúcia em 1476, quando a peste era mais aguda, suscitou profunda ressonância no ânimo do povo, como transparece no relato vivaz que nos deixou Pedro Ângelo di Giovanni, cronista da cidade e testemunha ocular dos fatos.

Edição: O. SCALVANI, *Cronaca perugina inedita di Pietro Ângelo di Giovanni, in continuazione di quella di Antonio dei Guarneglie*, “Bollettino della regia Deputazione di Storia Patria per l’Umbria, 9 (1903), p. 103.

No dia 27 de julho, sábado, foi anunciado que na segunda-feira seguinte 29 do mesmo mês, devia-se fazer a procissão devido à mortalidade que continuava provocando grandes danos. Veio novamente um pregador, de nome frei Boaventura, da Ordem dos Servos de Santa Maria, que era pequeno, magro e insignificante como pessoa¹¹³, mas eloqüentíssimo em ciência. Estando o dito frade a pregar na igreja de

¹¹² A bula de Sixto IV, bem como a carta enviada pelo prior geral à Ordem a respeito do assunto, foram retomadas por frei Arcângelo Giani in *De foundationibus conventuum Ord. Servorum*, I, cujo manuscrito se encontra no Arquivo Geral OSM, Roma, sez. *Annalistica*, f. 17v: “1483. Sixto IV, a pedido do mestre frei Cristóvão de Giustinopli, prior geral, concede a frei Boaventura de Forlì, pelos seus méritos e exemplos, a faculdade de escolher um lugar retirado para levar vida eremítica junto com seis companheiros, independente de qualquer superior ou prelado da Ordem, e de poder em qualquer lugar pregar a Palavra de Deus com autoridade apostólica, etc. Dado em Roma, aos 31 de maio de 1483, no décimo segundo ano de pontificado. Roma, 1º de julho de 1483. O mestre frei Cristóvão informa a todos através de carta que pediu ao santo padre em favor do mestre Boaventura como acima referido, e ordena que seja mantido o hábito e a observância das Constituições. O mestre frei Boaventura era então prior de São Marcelo, em Roma”. Cf. também *Annales OSM*, I, p. 583.

¹¹³ Um perfil da figura do bem-aventurado Boaventura nos foi traçado também por frei Filipe Albrizzi (1515): “Era pequeno de estatura e magro, mas possuía grande cultura. No seu tempo, foi considerado um outro Paulo

São Lourenço aos poucos sobreviventes do povo, dizia que Deus lhe havia revelado que estava muito irado contra o povo de Perúsia. Por isso, exortava a todos os habitantes da cidade e do condado para que se confessassem e comungassem, se emendassem dos seus erros e pecados e se convertessem devotamente para Deus; e por 18 dias, participassem devotamente da procissão e jejuassem três sobre 15 dias. Os que não pudessem jejuar, deveriam rezar e fazer esmolas e outras obras de bem. E que fossem avisados todos os que haviam saído de Perúsia por suspeita de peste e fugido para outras e vilas e povoados, que deveriam voltar para cidade. Toda a sua pregação girou em torno da fé, da esperança e da caridade, exortando sempre a amar o próximo e humilhar-se. Como fora marcado, dia 29 começaram as procissões, mas antes que a procissão partisse, o mencionado frade pregava quase uma hora, recomendando a caridade, a ajuda aos pobres necessitados e aos doentes, uma vez que, depois que adoeciam, não havia quem quisesse falar com eles ou acudi-los.

**2. Das Lamentações na morte do bem-aventurado Boaventura de Forlì
da Ordem dos Servos de Maria,
conhecido por Barbicha
por Gasparino Borro**

Edição: *Frate Gasparino Borro Triunphi, sonetti, canzon e lauide de la gloriosa Madre de Dio Vergine Maria*, ed. G. M. VANGELISTI, in *Monumenta OSM*, XI, Roulers (Belgique) 1910, p. 142-152.

Fuja de mim todo humano conforto,
Que infeliz eu me sinto e cego também,
Diante da morte do espelho de virtude.
[...]
Ó morte dolorosa, ó rude e atroz orgulho!
Por que um pouco mais não esperaste
Para tirares do mundo o sol? Quanta dor!

Seu corpo franzino está sob a terra, Sua
alma, porém, feliz no céu está, Feliz
como outras ante o divino fulgor.

Do gênero humano tiraste o socorro.
Contra os vícios e pecados foi um mártir,
Enquanto viveu no véu mortal envolto.

Conheciam-no na Itália em toda parte
príncipes, mestres ilustres e gente do povo,

como pregador. Em todo lugar gozava de grande estima. Religioso de profunda santidade, trazia a barba inculta e enfrentava a pés descalços o calor do verão, o frio do inverno e o rigor do gelo. Jamais, em nenhuma estação do ano, usou calçados. Podiam-se ver seus pés feridos e ensangüentados. Usava um hábito muito pobre, não comia carne e jamais bebeu vinho. Deitava-se no chão duro ou no máximo em tábuas. Em suma, fazia tudo o que era necessário para mortificar o corpo” (*Institutio Congregationis fratrum Servorum Beatae Mariae Observantium*, in *Monumenta OSM*, III, p. 89). Devido á sua barba inculta, era chamado de “Frei Barbicha”

ele tinha do céu e não do mundo a arte.

Ó morte cruel, por que levas os raros,
Os que do céu nos mostram o caminho
E que por vida e virtudes nos são caros?

Despojaste, sem piedade, o nosso templo,
Afunda-se a glória dos Servos de Maria
A todos contemplo em lágrimas e dor.

[...]

Quebraste o espelho do bem e da virtude,
Do vício e dos pecados o grande inimigo,
Guia seguro dos limpos de coração.

{...}

Quanto mais retirado, mesmo na gruta,
soleira da alma, sempre contente;
Piedosos eram seus atos e conduta.

Pouco apreciava nossa vida mortal,
Descalço e feliz em seu mísero hábito,
Paciente na angústia e nas dores atrozes.

Depois dessa lamentação sobre a crueldade da morte, que levara um homem tão santo, o autor imagina adormecer e ser acordado pelo próprio bem-aventurado, que lhe chama atenção por essas lágrimas e lhe fala de si e da glória onde se encontra.

[...]

Sempre me agradou ser penitente,
Propus-me a proclamar a penitência,
Por isso agradei à divina mente.

Aprove-me o agulhão da consciência:
A cruz e o Crucifixo foram meu guia:
Esta foi minha doutrina e ciência.

[...]

VIII. O NOME DOS SETE SANTOS FUNDADORES: AS LISTAS DO SÉCULO XV

Os nomes dos Sete Santos Fundadores dos Servos de Maria, apresentados no momento da canonização (1888), como se sabe, não têm nenhum fundamento histórico, com exceção de Bonfilho e Aleixo.

No século XV aparecem duas listas de nomes. A primeira é de frei Paulo Attavanti, na obra *Dialogus de origine Ordinis Servorum*, escrita por volta de 1465, mas que, em toda a era humanista, não teve nenhuma difusão. A segunda encontra-se nos *Triumph*, publicados em Bréscia em 1498, após a morte do autor, frei Gasparino Borro, da Congregação da Observância dos Servos de Maria.

Bibliografia: F. A. DAL PINO, *Sette santi fondatori*, in *Dizionario degli istituti di perfezione*, VIII, Roma 1988, col. 1444-1446.

D. M., MONTAGNA, *I nomi dei Sete santi dei Servi. La lista quattrocentesca dell'Osservanza*, "Studi Storici OSM", 38 (1988), p. 21-24.

1. Paulo Attavanti

Dados biográficos sobre o autor encontram-se às p. (???) deste volume.

Dialogus de origine Ordinis Servorum

A obra se apresenta em forma de diálogo entre Pedro de Cosme de Médici (1416-1469) e frei Mariano de João Salvini, Servo de Maria, bispo de Cortona (1455-1476). Assiste ao diálogo um certo frei Leonardo, que pode bem ser o *praeceptor* do autor. O diálogo – uma ficção literária em voga na antiguidade e retomada no período humanista – tem por objetivo enfatizar a característica eminentemente mariana da Ordem. A Virgem Maria, querendo deixar uma lembrança da sua “viuvez”, escolhe sete homens de grande santidade e, em visão, entrega-lhes o hábito preto. Antes disso, os Sete tinham sido “*chefes*” da Associação da Virgem Maria, que teria contado com mais de 200 associados.

Do *Dialogus* é extraído o trecho que traz a lista dos nomes dos Sete Santos Fundadores: é a lista mais antiga que possuímos e que os Bolandistas consideram como a mais confiável. Essas páginas, para além da verdade histórica, conservam e transmitem a herança mais preciosa da vida dos Sete Pais, isto é, o milagre de “uma alma só *vivendo* em sete corpos”.

Edição: *Dialogus fratris Pauli Florentini de origine Ordinis Servorum ad Petrum Cosmae*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, XI, Roulers 1910, p. 88-112.

Os Sete Santos Pais

(*Mariano*) – O primeiro, pois, em palavras e exemplos é BONFILHO, homem digno da máxima estima, que se sobressaia na interpretação das Escrituras. Foi escolhido para a glória e o crescimento da Ordem e empenhou-se a fundo para derrubar as objeções dos cães ladrantes. Protagonizou uma célebre polêmica contra o seguidor de uma seita: com sua sabedoria, colocou em plena luz o herege, prisioneiro das trevas e atado pelos laços do terrível inimigo do gênero humano. Por esse e por outros sinais de santidade, é justo, pois, considerá-lo digno de honra. Deve ser louvado, de fato, aquele que, abandonando as riquezas e desprezando suas nobres origens, consagrou-se a Deus e à sua santa Mãe.

(*Pedro*) - Compreendo bem, ó Mariano, que ele merece a glória dos esplendores eternos. Deve ser louvado quem, opondo-se sempre ao herege, devolve ao Criador a sua alma, que é de todas as coisas a mais preciosa. As esmolas, as vigílias e as orações

– creio eu – não podem agradar ao Deus imortal se falta a fé; nem os sacrifícios conseguem chegar até a Deus.

(*Mariano*) - No mesmo clima de pureza, ó Pedro, viveu BARTOLOMEU. Grande foi o esplendor de sua santidade. Tu poderias compreendê-lo melhor se à minha narrativa fosse dado mais tempo. A ele acorriam pessoas acometidas pela febre, os coxos o procuravam e nele se agarravam os cegos. Doentes de todo tipo imploravam dele a graça da cura. Certa vez um menino de oito anos gritava perto da fonte que se encontra no cume de Monte Senário. Está com sede, escorrega e cai na água. O murmurar dos ventos abafa a voz que pede ajuda. Sua vida está no fim. Eis que chega para tirar água o puríssimo amigo de Deus e fica admirado de vê-la enturvada. Tão logo vê o menino sem vida, joga-se na água para tirá-lo para fora. Deverias tê-lo visto, então, ó Pedro, chorar copiosamente como se a morte do menino fosse mais terrível do que a sua. Então ele se pôs a implorar com ardor ao Deus todo-poderoso e à sua santa Mãe. Ainda não terminara a oração, quando o menino, pondo-se de pé, exclamou: “Ó Servo de Deus, eu vi as tuas orações e as tuas lágrimas subirem à presença da Virgem Maria: ela as apresentou ao Filho e este ao Pai, que me restituiu novamente a vida”.

(*Pedro*) – É por isso, ó Mariano, que o homem de Deus Bartolomeu tanto agradeceu a Virgem e foi tão benquisto por ela.

(*Mariano*) – Não te admires, ó Pedro. Há coisas maiores ainda e mais elevadas. Queri apontar-te outro alicerce e outra glória imortal da nossa Ordem: seu nome é JOÃO. Ele, por graça do Espírito Santo, foi um homem tão glorioso que ainda hoje é conhecido por todos. Tomado pela santa luz de Cristo, e graças à sua vida virtuosa, trabalhou muito, principalmente em favor da nossa Ordem. Tinha ardente amor às coisas da fé e, sem dar nenhum valor ao seu patrimônio, abraçou na pobreza a “viuvez” da Virgem Maria. Por isso, desejoso de viver profundamente uma vida santa e inebriado pela doçura do amor, não evitava rigorosas penitências corporais. Calem-se, pois, os que levantam calúnias contra os servos de Deus e parem de ofender esta santa Ordem. Havia então um cidadão de Florença, de nome Antônio, muito conhecido pela sua riqueza. Certo dia, procurou João, porque queria certificar-se das grandes virtudes do santo homem. João, intuindo de longe suas intenções, exclamou: “Ó pobre corpo, preso pelas correntes das riquezas! Tu te apropriaste do suor dos pobres. A um dás a morte e a outro dás saúde, como tu queres. Assim não pode ser. *O Reino dos Céus sofre violência e os violentos procuram, arrebatá-lo*¹¹⁴. Tais palavras ressoaram como trovão nos ouvidos daquele homem que se encheu de terror. Diante disso, o povo, devido à extraordinária fama do santo, foi induzido a esperar que jamais ele teria gozado daquela vida tão doce para os homens. Por isso, Antônio decidiu matá-lo. Derramou veneno num cálice de vinho e mandou que uma velhinha lho entregasse como se fosse esmola. Mas João, informado pelo Espírito Santo, lhe disse: “Bebe tu do cálice que me ofereces”. Ela, por respeito e temor, desconhecendo a realidade, já estava para beber quando foi impedida pelo santo homem. “O que há no copo, padre?”, perguntou ela. João respondeu: “Dize àquele que te mandou trazer-me esta

¹¹⁴ *Mateus* 11,12.

bebida que eu a bebi toda, mas será ele a morrer em meu lugar”. E, feito o sinal da cruz, bebeu corajosamente o vinho. Coisa admirável! No mesmo instante, Antônio, embora se encontrasse longe dali, morreu improvisamente caindo ao chão, ao passo que João permanece incólume. *Se beberem veneno mortal, não lhes fará mal algum*¹¹⁵. Por isso, não é necessário delongar-nos mais a explicar os grandes méritos e o grande valor de sua vida.

(*Pedro*) – Dizes bem, Maruiano. Mas, apesar disso, não me parece justo que os outros passem despercebidos. De fato, eu vejo que uma alma só vive em sete corpos.

(*Mariano*) – Por um duplo mérito, ó Pedro, também BENTO está na lista desses homens. Destacou-se, de fato, por sua cultura e foi célebre em santidade. Só ele, dentre os sete iniciadores da Ordem, obteve ao mesmo tempo a imortalidade da alma e a fama perene do mundo. É justo, ó Pedro, recordar tão grande homem que foi grato aos mortais, mais grato ainda à Ordem e gratíssimo a Deus [...]. Este homem de grande fama, impelido pelo desejo da pátria celeste e, por nada atraído pelas multidões, estabeleceu sua morada em Monte Senário e ali, vivendo segundo o estilo de vida dos apóstolos, com a imposição de suas mãos curava os doentes, mesmo os mais graves.

(*Pedro*) – Fatos como esses aconteciam habitualmente no alto desse monte?

(*Mariano*) – Exatamente ali, ó Pedro, com o sinal da cruz ele venciu a ferocidade das serpentes. Sendo uma pessoa extremamente simples, superou os homens ilustres pelos milagres operados. Totalmente entregue ao serviço divino, alimentava-se quase só de ervas. Por isso, dele se pode justamente: “*Entrega ao senhor tua ansiedade e ele te dará apoio*”¹¹⁶. Certa vez, algumas pessoas, aos prantos, levaram-lhe um sobrinho que era coxo e mudo, e pediram-lhe que o curasse com sua virtude e santidade. “Deus – disse ele – de quem provêm todo o bem, escutará a vossa oração”. Estando prestes a celebrar a missa, ofereceu a Deus o sacrifício e, ao terminar, tomou o menino pelas mãos e o colocou de pé, curado. Depois, deu-lhe na boca o corpo do Senhor e, feita a comunhão, devolveu-lhe a capacidade de falar. Por isso, o povo, diante desses milagres, exultou de alegria, de admiração e de temor.

(*Pedro*) – Tu me contas coisas deveras maravilhosas, ó Mariano. Proferiste palavras tão grandiosas em favor de Bento que coisa alguma maior e mais excelente sobra para os outros.

(*Mariano*) – Que dizes, Pedro? Diante dos olhos se me apresenta GERALDO, que amava com paixão a Virgem Maria. Ilustre por sua origem familiar e por sua santidade, foi grande também em cultura. Entre outras coisas, por suas pregações, reconduziu à fé em Cristo muitos hereges que, na época, eram numerosos. Famoso, poderoso e insigne em sabedoria e doutrina, era conhecido de todos e, no púlpito, inflamava-se de amor divino.

¹¹⁵ *Marcos* 16,18.

¹¹⁶ *Salmo* 54 (55), 23.

(*Pedro*) - Por favor, Mariano, dá-nos a conhecer pelo menos um milagre de Geraldo [...].

(*Mariano*) – Tu desejas, Pedro, que eu narre aquilo que nos fará prorromper em pranto. Apesar disso, atenderei ao ardente desejo do teu coração, seja pela sua vida extraordinariamente austera e sua doce recordação da pátria celeste e seja, principalmente, para que as coisas divinas superem, pelo menos na mente, as coisas humanas. Quando chegou aos 64 anos de idade, desejou ardentemente a morte e a pediu a Deus com muitas lágrimas. Dois anjos, cantando, lhe apareceram visivelmente e lhe disseram: “Geraldo, entrega a tua querida alma ao Criador” Depois, ó Pedro, tomaram aquela preciosíssima jóia, um à direita e o outro à esquerda, e a levaram à presença da Virgem Maria.

E is que o sexto dos nossos Pais, iniciadores da Ordem, chamado RICOVERO, encontrava-se no mesmo lugar e, vendo o que lhe acontecia, gritou em alta voz: “Geraldo, Geraldo, peço-te, espera-me”. E um dos anjos tomou em seguida a sua alma, porque ele também tinha sido muito agradável á Virgem Maria.

(*Pedro*) – Contas coisas estupendas, ó Mariano. Mas o que pensaram os frades quando encontraram os corpos sem vida?

(*Mariano*) – Ninguém duvidou que aqueles santos homens soubessem há algum tempo a verdade. Mas, para que compreendas a sabedoria de Ricôvero, ele – luz dos florentinos e luminar da teologia à qual corações e mentes custam conquistar – falava de tudo numa linguagem bonita e com palavras de ouro. Não sabemos com certeza se as suas ações não deram em nada, uma vez que só podemos estar certos que um trabalho foi inútil quando o instrumento usado não emitiu som algum.

(*Pedro*) – Como estou feliz hoje! Dize-me, Mariano, não falta ainda uma estrela para completar o número sete?¹¹⁷.

(*Mariano*) – ALEIXO foi aquele que entregou sua alma imortal a Deus depois de uma vida de santidade exemplar. Devido aos seus 110 anos, seria justo que desejasse repousar. Mas, ao contrário, procurava cuidadosamente tudo o que podia manter seu corpo subjugado: comia ervas, exigia uma catre inadequado à sua enfermidade e a seus membros alquebrados, inadequado até para as feras e os animais mais ferozes. De fato, deitar no chão duro ou em tábuas não prolonga a vida, mas a encurta.

(*Pedro*) – Por que sua vida foi mais longa que a dos outros?

(*Mariano*) – Para que pudesse relatar, ó Pedro, como se originou a Ordem e a vida dos seus companheiros àquele que haveria depois de colocar tudo por escrito, de tal forma que não se perdesse a memória de tão grande evento. Chegando ao último dia da vida, ele viu se achegarem anjos em forma de lindos passarinhos e, no meio deles, estava Cristo na figura de um esplêndido menino, que lhe punha na cabeça uma linda coroa

¹¹⁷ Cf. LO 15

de ricas flores. Isso leva a crer, ó Pedro, que ele tenha sido a glória mais eminente da nossa Ordem.

(*Pedro*) – Sento-me tão feliz, ó Mariano, de conhecer esses homens que tu me vês exultar de alegria. Sinto-me feliz se, de alguma forma, contribuí para a nossa Ordem¹¹⁸. A alma se abre e as forças crescem, graças ao amor que experimento diante desses luminares. Agora vejo que sois felizes, porque tendes estes santos que intercedem junto á Virgem Maria. Ela, por sua vez, intercede junto ao Filho, e o Filho, junto ao Pai. Nada é mais digno, mais propício, melhor e mais desejável do que isso. Não me admiro que encontreis na santa Virgem Maria tão grade benevolência e amor. São esses santos o motivo da vossa felicidade. Daí brotam os milagres da Anunciada. Por isso o mundo inteiro vos procura. E é daí que emanam todos os bens.

2. Gasparino Borro

Sobre a vida e as obras de frei Gasparino, cf. p. (???) deste volume.

Do *Triumpho VI* Da Visão beatífica

Capítulo segundo

No sexto triunfo, frei Gasparino Borro imagina ser transpostado para o paraíso, onde è admitido à visão da Trindade e pode admirar também os profetas, os patriarcas, os mártires e Santo Agostinho. Vê também “pessoas... vestidas de preto, Servos de Maria”. Do grupo se destaca “uma luz beatífica” que frei Gasparino reconhece ser o bem-aventurado Tiago Filipe de Faenza. Este, a pedido do poeta, apresenta os Servos e as Servas de Maria, a começar dos Sete Santos Fundadores.

A lista dos nomes dos Sete Santos, apresentada por frei Gasparino, é diferente da primeira lista que frei Paulo Attavanti fez por volta de 1465. Nota-se que os nomes da lista de frei Gasparino constam da “*Legenda vulgata*” de São Filipe Benizi. Bonfilho e Aleixo exercem um papel significativo no momento do ingresso de Filipe na Ordem, Maneto é o imediato predecessor de São Filipe no cargo de prior geral (antes de 1267) e Lotaringo é seu sucessor (depois de 1285). Vítor, Sóstenes e Hugo foram companheiros de viagem de São Filipe¹¹⁹.

[...]

Vê - disse-me - estes são os Sete homens.

¹¹⁸ Depois de uma promessa, Pedro de' Médici, em 1448, mandou reconstruir o altar em mármore branco (substituído em 1600 por um altar prateado) na capela da Santíssima Anunciada, sobre o qual erigiu também o atual baldaquim.

¹¹⁹ D. M. MONTAGNA, *I nomi dei Sete Santi dei Servi. La lista quattrocentesca dell'Osservanza*, “Studi Storici OSM” 38 (1988), p. 21-24. Montagna conclui com estas palavras: “Tal derivação textual mostra o destaque eminente da figura do frade e santo Filipe Benizi até o início da idade moderna da Ordem e da primeira contra-reforma, a tal ponto que os nomes dos Sete, reunidos ingenuamente desta forma, nada mais são do que nomes de “amigos” do grande (re)fundador, e não vice-versa, como sói acontecer” (p. 23).

Que nossa santa Ordem iniciaram
E trazem o hábito que a Mãe lhes deu.

Os olhos voltei para onde me aprazia
E firme fiquei perante os santos luminares,
Que brilhavam mais que de costume.

Eis o primeiro luminar apresentado O
primeiro pai, Bonfilho, o justo,
MANETO era o segundo. Almas santas!.

ALEIXO sempre temperou seu gosto,
Em obras e por nome seguia-o VÍTOR,
Do céu e não do mundo todo abrasado.

Repleto de caridade e de amor divino,
Sólícito no bem eu vi SÓSTENES,
Sem sombra de erro, grande sofredor.

Junto aos companheiros, eis que aparece
O ardente HUGO, firme na esperança,
Que desprezou o mundo e mereceu o céu.

O Sumo Bem alegre contempla
O doce pai frei LOTARINGO,
num momento feliz como lhe convém.

[...]

Depois me disse: Olha o primeiro de todos:
Este é o florentino¹²⁰ cheio de esplendor,
Grato e feliz, acima dos outros colocado.

Fiquei então suspenso no pensamento
E com todo respeito disse: Querido Pai,
Perdoa-me, porque não te conheci.

Tu és a norma das virtudes santas
Da castidade e do perfeito amor;
Tu és o guia dos coros celestiais.

Tu és dos Servos e de Florença a glória,
Ó antigo Pai e doce Patriarca,

¹²⁰ São Filipe Benizi de Florença.

Digno luminar da ciência e grande doutor.

Servus tuus, disseste à Rainha,
Hoje Todi te conhece e te honra,
E dela és bandeira, guia e barca.

Virgem e puro te contemplo
Ornado de fé e forte na paciência
Sábio e prudente em todo tempo e hora.

Volta, te peço, tua luz resplendente
Para que eu enxergue o caminho seguro,
Que às portas do céu me reconduza.
Faze que a graça em mim não feneça.

Edição: *Monumenta OSM*, XI, p. 136-137

IX. TADEU ADIMARI

Introdução

O mestre Tadeu de João Adimari nasceu em Florença por volta de 1445. Ingressou ainda criança na Ordem dos Servos de Maria. Aos 16-17 anos de idade compôs um livreto sobre a origem da Ordem dos servos de Maria e sobre a vida de São Filipe, intitulado *De origine Ordinis Servorum libellus et mores beati Philippi in ordinem digesti.*, que dedicou a frei Cristóvão Tornielli de Giustinopoli, que viria a ser eleito prior geral em 13 de maio de 1461.

Estudou filosofia e teologia primeiro em Bolonha, em 1465, e depois em Pádua, em 1470. Foi ordenado sacerdote em 1466. Voltando para Florença, recebeu o título de mestre em teologia em 9 de junho de 1473. Exerceu o magistério e o ministério da pregação. Em 1478, foi exilado por Lourenço de' Médici por ter participado de um complô de frades que queriam depor o prior do convento da Santíssima Anunciada, frei Antônio Alabanti.

A convite do pe. Brás Milanesi, superior geral da Congregação “Valombrosiana”, que estava à cata de pessoas idôneas para promover a reforma da sua Ordem, em 1481, frei Tadeu emitiu a profissão solene no mosteiro “valombrosiano” da Santíssima Trindade de Florença. Depois da morte do abade comendatário do mosteiro de Santa Reparata de Marradi, perto de Faenza, ocorrida em 1485, o pe. Brás Milanesi tudo fez para recuperar este mosteiro para a Ordem “Valombrosiana” e nomeou como abade governante frei Tadeu Adimari. Frei Tadeu morreu em Marradi em 27 de agosto de 1517.

Além da obra *De origine Ordinis*, frei Tadeu, durante seus estudos em Bolonha, compôs um poema em honra do papa Nicolau V (1447-1455). Em 1477 escreveu as apostilas da *Clementina* (cf. Tozzi, Spoglio B), que não foram descobertas.

Como membro da Ordem valombrosiana escreveu a *Vida São João Gualberto* (1510), os *Milagres de São João Gualberto* e um *Breve Tratado sobre a perfeição, a consagração e a coroação das virgens segundo o espírito da Ordem de Valombrosa*, do qual não se tem mais notícia.

Frei Arcângelo Giani registra também alguns “opúsculos” escritos em códices, com preciosas miniaturas, guardados na biblioteca conventual e na biblioteca “Laurenziana”. Esses códices não existem mais.

O códice que contém a obra *De origine Ordinis*, outrora guardado no convento da Santíssima Anunciada de Florença sob o número 370, hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Florença, na seção *Conventi Soppressi*, sob o número 1250, Classe 8. Algumas observações marginais foram acrescentadas pelo próprio frei Tadeu e também pelos freis Poccianti e Giani, que corrigem aqui e acolá os erros e descuidos do jovem e inexperiente escritor. No final, frei Arcângelo emite a seguinte avaliação global: “Tem em conta, ó leitor, que o autor, como ele mesmo diz no proêmio, escreveu este opúsculo quando era ainda jovem ou talvez adolescente. Por isso, deve-se desculpar se naquilo que escreve, sem dar atenção às datas, muitas vezes embaralha a seqüência dos fatos, freqüentemente escreve coisas absurdas e, em muitos pontos, se contradiz, segundo os costumes do tempo, quando os escritores pouco se preocupavam de narrar cuidadosamente os fatos. De qualquer forma, é um escritor piedoso, elegante, que de maneira alguma pode ser menosprezado, mas que é preciso desculpar devido às condições obscuras da época”.

Edição: *Fratri Thaddaei Adamarii, De origine Ordinis Servorum libellus et Mores Beati Philippi on ordinem digesti*, ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, XIV, Bruxelles 1913, p. 7-63 (introdução, p. 7-10; texto, p. 11-51).

Bibliografia: F. A. DAL PINO, *I frati servi di s. Maria*, I, p. 53-55.

A. M. SERRA, *Fra Taddeo Adimari (1445c.-1517) e il suo “De origine Ordinis Servorum libellus et Mores beati Philippi”*, Milano 1965 (Bibliotheca Servorum Mediolanensi. Sussidi, 2).

Da obra *De origine Ordinis Servorum*

Na introdução do opúsculo, frei Tadeu, consciente de suas limitações, diz logo, prevenindo-se contra os que poderiam acusá-lo de presunção, que assumiu o compromisso de escrever sobre a origem da *Ordem* não para ser elogiado, mas “*porque, desde a infância - como dizem os Gregos¹²¹ - pratiquei a composição e, desde então, minha atração pelas artes humanistas e pelas sãs virtudes do espírito foram crescendo sempre mais. Com efeito, o jovem que se dedica com afinco a estas artes e às virtudes mais eminente do espírito, pode – creio eu – tornar-se justamente semelhante aos grandes homens*”.

Só quem se empenha na busca da vida virtuosa consegue alcançar a felicidade autêntica, porque a virtude nunca passa, mas os bens terrenos são transitórios. E uma vez que está firmemente decidido a fundamentar a vida religiosa neste compromisso

¹²¹ A teneris, ut Graeci dicunt, unquiculis: Cícero, *ep.* 1,6,2.

de busca, frei Tadeu decidiu escrever a história das origens da Ordem. É claro que ele não tem os talentos de Cícero, de Lactâncio ou de Salústio, mas quer escrever esta história porque ninguém até então a havia feito. Desta forma, segue o exemplo de ilustres predecessores seus, como Gregório Magno, biógrafo de São Bento, e Boaventura, que escreveu a vida de São Francisco.

A obra de frei Tadeu Adimari é uma síntese da *Legenda de Origine*, acrescida de algumas ampliações retóricas. Assim, os Sete, quando estão no mundo, com sua Santidade chegam a atrair dez mil seguidores. Na época em que ainda brilhavam as estrelas de São Francisco e São Domingos¹²² a Mãe de Cristo escolheu sete homens, repletos do Espírito Santo, para iniciar a sua Ordem, da qual só ela é chefe e guia. No mesmo ano em que a Ordem começava, nascia São Filipe que, por vontade da Mãe de Deus, era destinado a ser para a Ordem aquilo que o Filho fora para o povo de Israel. Esses Sete homens, alguns solteiros, outros casados ou viúvos, eram mercadores; mas, uma vez encontrada a pérola preciosa, isto é, Santa Maria, tudo venderam para possuí-la. Desta forma, seu trabalho já não visava aos bens terrenos, mas sim à grandeza de sua alma. Eram sobremodo agradáveis à Virgem Maria porque eram religiosos perfeitos, totalmente dedicados à contemplação das coisas celestes. Sua ligação com Jesus Cristo era tão indissolúvel que o estar separado dele era motivo de grande tristeza.

O fato que não se narre nenhum milagre atribuído à intercessão desses homens poderia suscitar dúvidas sobre a sua santidade. Na realidade, tal carência deve ser entendida segundo o ensinamento de Jesus, para quem a perfeição consiste na humildade e na caridade, e segundo a decisão da Virgem Maria, que não quis para a sua Ordem nenhum santo intercessor que não fosse ela mesma.

Depois de explicar o sentido dos três nomes atribuídos à Ordem, referentes à regra agostiniana, ao serviço e ação específica da Virgem Maria, frei Tadeu descreve rapidamente a vida santa dos Sete, dedicada ao serviço de Deus e ao amor ao próximo, à penitência e à oração. Diante de impossibilidade de continuar vivendo no lugar que haviam escolhido, os Sete decidem afastar-se mais ainda, não só das suas famílias, mas também das suas casas e da cidade natal, e sobem ao alto do Monte Senário. Dali a fama de sua vida irradia-se em todas as direções, e de todos os lados, pessoas acorrem para conhecerem pessoalmente a sua santidade ou desejosas de juntar-se a eles no serviço do Senhor. Os Sete compreendem que Deus lhes indica outros lugares onde poderão levar vida penitente. Por isso, deixam Monte Senário¹²³.

De Pedro Mártir, que fora enviado a Florença para extirpar as heresias e que fora informado pela Virgem mesma sobre a santidade dos Sete, a Ordem recebe o hábito e a regra de Santo agostinho, de quem frei Tadeu tece rasgados elogios: Agostinho escreveu a regra porque ele era o mais devoto de todos os Servos de Maria.

Em 1254, no primeiro ano do pontificado de “Aleixo IV”¹²⁴, aos 21 anos de idade, ingressa na Ordem o bem-aventurado Filipe. Quando ele ingressou, a Ordem já existia

¹²² Portanto, a Ordem teria sido fundada antes de 1221, quando morreu São Domingos.

¹²³ “Falso - anota à margem frei Poccianti - porque, embora partindo para outros lugares, não deixam Monte Senário.

¹²⁴ Duas vezes esse tal “dominus Alexius” (n 22-23) é citado por frei Tadeu, induzido ao erro pela forma abreviada “Alexi.” do nome de Alexandre IV. Frei Poccianti anota: “Veja só que erro pueri: não existe nenhum papa Aleixo”. E frei Arcângelo Giani acrescenta: “Por Aleixo entenda-se Alexandre, como então se escrevia”.

há 22 anos, contradizendo o que havia afirmado anteriormente. E conclui com estas palavras: “Além disso, a Virgem Maria não quis que a sua Ordem observasse outros estatutos ou regra que não fosse a do santíssimo servo Agostinho. Esta, com efeito, foi aprovada pelos Sumos Pontífices, por Alexandre, Bonifácio e outros... E depois foi divulgada e difundida por todo o mundo. Dela derivam muitas normas e regras de vida, como as de São Bento, São Francisco, São Domingos e de muitos outros que prefiro aqui silenciar. Mas não vou silenciar sobre a forma de vida que ela gerou, isto é, a das nossas Constituições que, sem dúvida, nossos veneráveis pais instituíram observando a regra. De alguns eles assumi o compromisso de escrever a vida na forma mais sucinta possível”.

Frei Tadeu narra em seguida “*brevibus verbis*” a vida de Santo Aleixo, colocando em destaque seu espírito penitente, sua humildade, laboriosidade e fidelidade ao labor de esmoleiro, segundo o que consta na *Legenda de origine*. Muito mais ampla é a descrição da vida de São Filipe. Entrando mais uma vez em contradição, frei Tadeu diz que Filipe ingressou na Ordem aos 30 anos de idade. Transcreve também o discurso que São Filipe teria proferido no leito de morte¹²⁵: um exercício retórico de frei Tadeu que, de qualquer forma, põe em destaque os ideais da Ordem no século XV.

29. Depois de tantos milagres operados pelo bem-aventurado Filipe, aproximava-se o dia em que haveria de emigrar do cárcere corpóreo para a glória do céu. E tendo alcançado a idade de 62 anos, a Virgem Maria comunicou a sua morte a um frade, de nome Ubaldo de Borgo, no mesmo dia em que, elevada acima dos coros dos anjos, ela subiu para o reino Celeste. Dias depois, Filipe caiu gravemente enfermo. Na sua enfermidade, sempre agradeceu profundamente a Deus, recordando-se de Jó que enfrentou tantas e tão cruéis provações provocadas pelo diabo e, apesar disso – como narra a Historia Sagrada - jamais cometeu pecado com suas palavras, mas tudo suportou com extrema paciência. E assim foi até à oitava da Assunção da Virgem Maria ao céu.

30. Dando-se conta que estava prestes a morrer, chamou a seu redor os confrades, como convém a um bom pastor, e ensinou-lhes o preceito do Senhor: ‘Amai-vos uns aos outros e tende todos um só coração e uma só vontade para viver bem e felizes. O diabo, com efeito, quando vem e percebe que se vive no amor recíproco e com um coração só, se assustará e não vos fará mal algum. Se, pelo contrário, encontrar um dividido do outro, então como o leão que ruge¹²⁶ e o lobo voraz entre as ovelhas devorará a todos¹²⁷, isto é, os induzirá ao pecado. Amai-vos, pois, uns aos outros: este – diz o Senhor - é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros¹²⁸. Não há nada melhor, nem mais salutar para o gênero humano do que a caridade e o amor ao próximo. Não encontrareis nenhuma virtude, nem a fé, nem a esperança, maior do que esta: sem ela ninguém pode chegar à glória tão almejada. O Criador de todas as coisas divinas e humanas trouxe-a do céu. Nada mais teme o diabo do que a virtude da

¹²⁵ Desse “belo discurso” fala a “Legenda Perugina” (cf. *Fontes Histórico-espirituais dos Servos de Santa Maria*, I, p. ???).

¹²⁶ Cf. *1 Pedro* 5,8.

¹²⁷ Cf. *João* 10,12.

¹²⁸ Cf. *João* 15,17.

concordia. Abraçai-a, pois, e conservai-a com todas as vossas forças. Se viverdes assim, não haverá nenhum escândalo entre vós. Mas se viverdes na discórdia, muitos escândalos, divisões e litígios existirão entre vós devido às diferenças e à discórdia. Quem deve ser mais amigo de um irmão do que o próprio irmão? Se tiveres sido inimigo em relação aos teus, em quem confiarás entre estranhos? Como pastor, eu vos transmito um gênero de vida religiosa firme e estável: se viverdes na discórdia e divididos entre vós, esta vida ficará destruída. Sem, pelo contrário, permanecer em vós a virtude da concordia, então esta vida crescerá sempre mais, passando de firme, estável e boa como é agora para ótima. Nenhuma cidade ou povoado poderá ficar de pé se seus habitantes não viverem concordes”.

X. DOMINGOS DE TODI

Introdução

Na primeira metade do século XV foi escrita em Todi a *Ystoria del Beato Filippo da Fiorenza dell'Ordine delli Servi di Santa Maria*, que é a transcrição em linguagem popular umbra da “Legenda vulgata”¹²⁹, com o acréscimo de alguns particulares referentes, principalmente, à história da cidade de Todi.

O autor, Domingos de Todi, não pertence à Ordem dos Servos de Maria. Sob o ano de 1380, assim escreve a seu respeito frei Arcângelo Giani: “*Em honra do nosso pai Filipe, muitos, incentivados pelo próprio André [de Faenza]*¹³⁰, *transcreviam os seus milagres, que se sucediam dia após dia, ou a sua vida... Conta-se também que em Todi o senhor Domingos, médico, natural da cidade, fez algo semelhante, isto é, embora narrando os fatos da vida do santo em linguagem simples e solta, segundo o estilo pouco refinado da época, disse, no entanto, coisas verossímeis, que ainda hoje são conservadas num manuscrito pertencente a João Batista Guazzaroni, personagem ilustre e de comprovada doutrina*”. E acrescenta em nota Arcângelo Giani: “*Enquanto pregava em Todi, o autor leu essa vida do bem-aventurado Filipe, escrita em estilo certamente superado, mas venerável pela sua antiguidade*” (*Annales OSM*, I, p. 338. 2.G).

De qualquer forma, esta “*Ystoria*” do bem-aventurado Filipe não pode ter sido escrita antes de 1380, uma vez que cita os conventos de São Francisco e de São Domingos de Fiesole, fundados respectivamente em 1399 e 1406. Durante o processo apostólico realizado em Todi em 1621¹³¹, quando foi apresentada a “*Ystoria*”, diz-se que o códice teria sido escrito cerca de duzentos anos antes. Peregrino Soulier propõe como data o período que vai de 1420 a 1450.

Da “*Ystoria*” de Domingos de Todi, transcrevemos os parágrafos referentes ao última passagem do santo em Todi. As palavras com que Filipe, no leito de morte, entrega nas mãos do Senhor “esta pobrezinha Ordem dos Servos de Santa Maria”

¹²⁹ Cf. *Fontes Histórico-espirituais dos Servos de Santa Maria*, I, p. ???

¹³⁰ O prior geral, frei André de Faenza (1374-1396), mandou publicar as memórias do santo e encarregou um certo frei Guilherme de Alessandria de compor um ofício litúrgico dele.

¹³¹ Em 1619, a Santa Sé começou o processo canônico sobre as virtudes e os milagres de São Filipe, que foi canonizado em 12 de abril de 1671.

continuam despertando nos Servos de Maria de hoje a consciência serena da própria pobreza diante de Deus.

Edição: *Ystoria del Beato Filippo da Fiorenza auctore Dominico de Tuderto, 1420-1460 circa*, [Ed. P. M. SOULIER, in *Monumenta OSM*, II, Bruxelles 1898, p. 88-116.

Da Ystoria del Beato Filippo da Fiorenza dell'Ordine delli Servi di Santa Maria

19. Ora, pois, como aprouve a Deus, tendo o bem-aventurado Filipe retornado para o seu país, a Itália¹³², e aproximando-se o tempo em que o Deus todo-poderoso predispuera chamá-lo ao céu e conceder-lhe a glória da vida eterna, que já havia concedido aos seus outros servos fiéis, Filipe, com seus companheiros, veio visitar a cidade de Todi, uma vez que nessa cidade havia um convento dos referidos frades Servos de Santa Maria de recente fundação, junto à igreja de São Marcos Evangelista. O convento era então o mais pobre de toda a Ordem. E aproximando-se o servo de Deus, o bem-aventurado Filipe, da cidade e estando a caminhar na praça (???) de Borgo Nuovo¹³³ para entrar pela porta por onde se sai rumo a Perúcia, por toda a cidade de Todi espalhou-se rapidamente a notícia da chegada do bem-aventurado Filipe e quase toda a população mobilizou-se foi recepcioná-lo fora da porta, levando nas mãos ramos de oliveira e cantando em alta voz: *Eis o nosso pai o bem-aventurado Filipe! Bendito o que vem em nome do Senhor Deus!* O bem-aventurado Filipe, admirado diante da multidão que ia ao seu encontro, entristeceu-se, voltando-se para seus companheiros, disse: *“Vamos pela outra porta, porque não é do agrado de Deus que esta multidão me acompanhe e me honre desta maneira”*. Então o bem-aventurado, Filipe, voltando sobre seus passos, tomou o caminho que costeia o rio Tibre e, prosseguindo pela estrada que conduz à Porta do Vale, pela qual se vai a Orvieto, por ali queria entrar ocultamente cidade adentro até chegar à Igreja de São Marcos, onde estava o convento dos frades Servos de Santa Maria.

20. Desta forma, caminhando às escondidas, o bem-aventurado Filipe e seus companheiros aproximaram-se da Porta do Vale. Nas imediações encontrou-se com duas meretrizes, que estavam à beira da estrada à espera de serem abordadas pelos passantes para fazer coisas desonestas e ilícitas. Então o bem-aventurado Filipe pôs-se diante delas e lhe disse: *“Ó pobres mulheres, que estais fazendo aqui? Ó míseras pecadoras, que Deus vos perdoe os vossos pecados! Peço-vos encarecidamente que vos coloquais diante de Deus e penseis com foi com o sofrimento do seu precioso sangue derramado que ele vos reconquistou. Pobres de vós! Não queirais continuar nesta vida desonesta e afastai-vos imediatamente destes pecados. Não sabeis que um dia todos haveremos de morrer? E depois nossas almas sejam premiadas ou então purificadas, segundo o bem e o mal que tivermos praticado. E no dia do juízo todos haveremos de ressuscitar. Os bons irão com corpo e alma para a glória da vida*

¹³² Filipe tinha voltado da Alemanha

¹³³ Vindo de Perúcia, chegava-se à Porta Perugina e, depois, a Borgo Nuovo, assim chamado porque contíguo à parte antiga da cidade. Ali estava o convento de São Marcos, hoje de São Francisco.,

eterna, que não terá mais fim, e os maus irão com corpo e alma para as penas atrozés do inferno, que também não terão mais fim”.

Diante dessas palavras, as mulheres responderam ao bem-aventurado Filipe: “*Ó pai nosso, nós não temos nesta terra nem casa, nem vinha, nem campos para podermos viver de outro modo*”. Ao que Filipe respondeu: “*Peço-vos encarecidamente que, pelo amor de Deus e da Gloriosa Virgem Maria, que eviteis o pecado pelo menos nos próximos três dias. Eis que vos dou estas moedas que são suficientes para comprardes o necessário para três dias*”. Tendo recebido o dinheiro das mãos de servo de Deus Filipe, logo a graça do Espírito santo penetrou no coração delas e tomaram a decisão de abandonar para sempre aquela vida desonesta.

21. O bem-aventurado Filipe, ao retomar o caminho rumo à porta para entrar na cidade, deparou-se de novo com a multidão que trazia nas mãos os ramos de oliveira e cantava em alta voz: *Bendito o que vem em nome do Senhor Deus!* Tendo entrado pela porta da cidade, de repente a multidão, com grande alegria, rodeando Filipe e seus companheiros, começou a cantar com voz mais forte ainda: *Eis o nosso Pai, o servo de Deus, o bem-aventurado Filipe! Eis, eis o servo de Deus! Eis a saúde dos enfermos! Eis o auxílio e o conforto dos sofredores! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor Deus!* Depois, o bem-aventurado Filipe, vendo-se acompanhado pela multidão com tanta devoção e tantas honras, admirado e maravilhado, voltou-se para eles e disse: *Filhos meus, cidadãos de Todi, por que fazeis isso comigo? Dai glória e louvor a Deus todo-poderoso e afastai-vos de mim.* Mas o povo, caminhando pelas ruas de Todi, gritava mais ainda: *Eis o nosso pai Filipe. Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!* Assim foram acompanhando Filipe até à igreja de São Marcos, onde residiam os Servos de Santa Maria. Depois, cada um, com grande alegria, voltou para a sua casa.

Ao chegar, o servo de Deus Filipe entra na igreja junto com seus dois companheiros e logo se põe em oração diante do altar-mor, dizendo: *Eis que agora cheguei ao lugar onde repousarei para sempre e aqui será a minha morada por todos os séculos, porque eu mesmo a escolhi.*

22. No dia seguinte, eis que chegam aquelas duas meretrizes que o servo de Deus Filipe havia exortado à penitência. Entrando na igreja de São Marcos, logo começaram a gritar e, em lágrimas, diziam: *Ó pai nosso, servo de Deus, bem-aventurado Filipe, vem, vem um pouco aqui conosco, que queremos penitenciar-nos de nossos pecados.* Ao verem o bem-aventurado Filipe, ajoelharam-se aos seus pés, chorando e dizendo: *Ó pai nosso, orienta-nos com teus conselhos para que possamos fazer verdadeira penitência.* Então o bem-aventurado Filipe confessou-as e pediu-lhes que não mais voltassem à vida de pecado. Elas estavam tão contritas que decidiram entrar num cárcere e não mais ver o rosto de um homem. E assim o fizeram com o consentimento do bem-aventurado Filipe. No cárcere tiveram um santo fim e suas almas alcançaram a salvação.

23. Chegando a solenidade da Assunção da Gloriosa Virgem Maria, em meados de agosto, Deus todo-poderoso quis visitar o servo da sua santa Mãe a gloriosa Virgem Maria, concedendo-lhe o prêmio de suas santas obras e levando a sua alma, pelas mãos

dos santos Anjos, para a glória da vida eterna. Acometido neste mesmo dia pela enfermidade que foi se agravando cada vez mais, aprouve a Deus todo-poderoso que exatamente na oitava da referida solenidade, num domingo do ano de 1285, o glorioso Filipe, percebendo faltarem-lhe as forças, chamou todos os confrades presentes e, confortando-os, exortou-os e pediu-lhes que perseverassem na santa Ordem até o fim. E tendo recebido devotamente todos os sacramentos da santa Mãe Igreja, pôs-se em oração, entregando o seu espírito a Deus e dizendo: *Senhor, em tuas mãos entrego esta Ordem pobrezinha dos Servos de Santa Maria, tua Mãe dulcíssima, e também esta cidade de Todi, para a qual foi do teu agrado, senhor que eu viesse*. Ditas essas palavras, sua santa alma partiu e passou desta vida presente e foi para a glória eterna, na presença de todos os frades do convento que rezavam e choravam profundamente comovidos.

APÊNDICE

SÃO FILIPE BENIZI LA LEGENDA DE SHEFFIELD

Introdução

No final de 1998, quando o primeiro volume das *Fontes histórico-espirituais dos Servos de Santa Maria* já havia sido publicado, Pacífico M. Branchesi anunciou a descoberto do texto de uma Legenda de São Filipe, muito semelhante à Legenda dita “Perugina”¹³⁴. Em 1992, o inventário intitulado *Manuscripts in British Libraries*, vol. IV (Oxford, Clarendon Press, 1992, p. 284-285) havia indicado a existência desse nosso texto num manuscrito da obra de Tiago de Varazze, *Legenda sanctorum*, em dois volumes, que se encontra na biblioteca da Universidade de Sheffield: a legenda de São Filipe está no segundo volume, às folhas 149v-151v.

O manuscrito de Sheffield traz a data de 1353 e o nome do amanuense: “*Hieronimus de Binagio mediolanensis scripsit (1353), die quinta iunii*”.

As omissões mais reevantes do texto de Sheffield em relação à Legenda b’Perugina” são as seguintes:

1. o prólogo, com a explicação etimológica do nome de Filipe;
2. o milagre de uma mulher estéril de Cortona, cujo filho, há muito esperado, recebe o nome de Filipe: “este filho – atesta o autor da Legenda “Perugina” (nº 14) – nós o vimos com nossos próprios olhos e foi ele mesmo que nos relatou o fato”;
3. o encontro de Filipe com a prostituta perto de Orvieto;
4. a participação no II Concílio de Lião;
5. a atividade caritativa de Filipe em Todi;
6. a cura milagrosa de frei Lamberto d Prato, em Todi, durante o capítulo geral.
7. o anúncio da morte iminente feito a frei Ubaldo de Borgo e sua presença no momento do passamento;

¹³⁴ Cf. *Fontes histórico-espirituais dos Servos de Santa Maria*, I, p. (???)

8. a viagem a Rieti, pouco antes da morte, para recomendar a Ordem ao papa.

Faltam também os detalhes com os quais a Legenda “Perugina” descreve a pobreza de Filipe (cf. nº 11 e 12) e as suas visitas aos conventos (cf. nº 11-13). O texto de Sheffield não traz o discurso de Filipe aos frades de Florença antes de realizar o milagre dos pães, para exortá-los a confiar mais na Divina Providência (cf. nº 10 da Legenda “Perugina”), nem o discurso feito no leito de morte após a chegada de frei Ubaldo (cf. nº 24 da Legenda “Perugina”).

Mais reduzido é também o número de milagres operados depois da morte.

Em conclusão, a Legenda de Sheffield apresenta-se como um texto mais sóbrio e sucinto e, por isso, talvez, mais antigo. Todavia, ela também tem aqueles anacronismos evidentes já apontados a respeito da Legenda “Perugina”¹³⁵, tais como: Filipe que conhece Francisco de Assis, que se encontra com Pedro de Verona, que se junta ao grupo de seis frades residentes em Monte Senário e - ao que parece - é eleito prior geral logo depois da morte de *Totusbonus*.

TEXTO

[Tradução de Pacífico M. Branchesi]

VIDA DE SÃO FILIPE

1. VIDA ORDEM DOS SERVOS DE MARIA

1. O bem-aventurado e venerável Filipe, pai ilustre, prior geral da Ordem dos frades de Santa Maria, nasceu em Florença, filho de nobres genitores. Seu pai chamava-se André, e sua mãe, Joana. Não tinham prole e por longos anos pediram-na ao Senhor. Por fim, foram ouvidos e tiveram muitos filhos. O primeiro deles deu graças ao Doador e lhe deram o nome de Filipe. Os fatos corridos em seguida mostram toda a sua grandeza.

Seus pais, com efeito, que levavam vida piedosa e religiosa, educavam o menino segundo as normas da lei evangélica. Por disposição da graça divina, confiaram-no a um mestre religioso para que lhe ensinasse a ler e a escrever. E uma vez que boa raiz produz bons frutos, o menino desejava somente agradar a Deus, evitando, por isso, os folguedos infantis.

2. Ao chegar aos 10 anos de idade, freqüentava assiduamente à igreja com os pais e tudo o que ouvia da palavra divina ele guardava no cofre do seu coração. Voltando para casa, repetia todas essas coisas aos pais e aos vizinhos e lhes suplicava humildemente que as pusessem em prática.

Chegando à juventude, exercitou o seu espírito na prática da humildade, da misericórdia e da sobriedade, guardando-se sempre das insídias do diabo, do mundo e da carne. Além disso, seguindo o exemplo do Apóstolo (Paulo), castigava seu corpo com jejuns, vigílias e orações e o obrigava a servir ao espírito com a prática de muitas obras.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, p. (???)

Chegado, por fim, à idade adulta e adquirida uma vasta cultura, sempre cantava os louvores do Senhor junto com o bem-aventurado Francisco, que nesse tempo brilhava em Florença.

3. Vendo o homem de Deus que muitos, caminhando incautamente à beira do abismo dos vícios, naufragavam no mar desta vida. Por isso, tornando-se insano perante o mundo, mas sábio perante Deus, tinha em conta de esterco tudo o que o mundo considerava excelente. Só sentia prazer quando estava na igreja com o espírito concentrado na pregação, na oração e na contemplação.

A fama de sua santa vida irradiava seu aroma diante de todos e, como uma lâmpada posta no candelabro, iluminava as mentes dos fiéis. Ao ver-se louvado por todos e temendo o vício da vanglória, que só enganar os incautos, correu solícito à igreja e, diante da imagem de Cristo, chorando e em lágrimas suplicava: “Senhor Deus, tu que me criaste e, quando estava perdido, me redimiste, escuta este teu indigno servo e mostra-me o caminho das tuas misericórdias, a fim de que possa servir-te fielmente, uma vez que, mísero e infeliz, sem ti não sei que caminho seguir”. Feita a oração, uma luz extraordinária brilhou sobre ele e, no mesmo instante, fez-se ouvir uma voz que dizia: “Filipe, se queres possuir-me, levanta-te, sai e vai para Monte Senário”.

4. Felipe, levantando-se em seguida, com alegria, pôs-se a caminho. Havia lá seis homens religiosos que viviam com muita humildade e pobreza. Suplicou-lhes humildemente que o acolhessem na Ordem. O homem de Deus tinha então aproximadamente vinte e dois anos de idade. Os irmãos, constatando que era homem de virtude, decidiram unanimemente entregar-lhe o hábito da Ordem. E uma vez que, por sua grande humildade, era dissera que era ignorante, no começo, submeteram-no não aos deveres de clérigo, mas de leigo. Por isso, ora trabalhava na horta, ora distribuía esmolas na portaria. Em tudo, na verdade, na oração e na contemplação, era sempre solícito nas coisas de Deus. Desejava, com efeito, prestar os serviços mais humildes, a todos servia com espírito alegre e, muitas vezes, limpava os banheiros dos confrades.

Todos o tinham em conta de prudente e sábio, de tal forma que não o tratavam como irmão leigo, mas como um pai de todos. Sóbrio no comer, sublime na humildade, irradiante de aroma de castidade, destacava-se pelo esplendor de todas as virtudes.

5. Quando o homem de Deus, como irmão leigo, se dirigia a Florença para esmolar, as crianças da cidade lhe corriam ao encontro e, inspirados por Deus, gritavam dizendo: “Eis os Servos de Santa Maria”. Dali, pois, os frades tomaram este nome, passando a chamar-se Servos de Santa Maria.

6. Havia então um certo frade chamado Pedro, da Ordem dos Pregadores. Encontrando-se em Florença, a santa Virgem Maria apareceu-lhe e disse: “Pedro, meu filho, visita os meus Servos em Monte Senário, onde eles me servem com grande humildade”. E, repetindo várias vezes as mesmas coisas, lhe mostrou Filipe. Pedro, então, acordando-se, levantou-se rapidamente e foi visitar os frades. Ao ver o bem-

aventurado Filipe, logo o chamou pelo nome. E, tomando a capa e o escapulário de cor preta, consagrou-os com este hábito e, enquanto viveu, sempre os visitou com um pai.

7. Certa vez, enquanto o Servo de Deus Filipe viajava pelo condado de Florença pedindo esmola e se encaminhava na direção de uma hospedaria, encontrou-se com um religioso que entabulou com ele uma discussão de alto nível. O bem-aventurado Filipe nada respondeu. Aquele frade então o humilhou e ofendeu e insultou a sua Ordem. Ao ouvir isso, o bem-aventurado Filipe abriu a boca e passou a discutir com ele sobre assuntos elevados. Depois, retomou o caminho e disse ao confrade que o acompanhava: “Peço-te, irmão, que não digas nada a ninguém sobre o ocorrido”. Mas, chegando ao convento, confrade logo contou aos outros que havia acontecido.

8. Era então prior um frade de nome *Totusbonus*, o qual, ao ouvir isso, encheu-se de grande alegria e ordenou que Filipe fosse ordenado presbítero, mesmo contra a sua vontade. Como presbítero, São Filipe logo mudou para mulher. Estava sempre pronto a obedecer, fugia do convívio dos homens, principalmente das mulheres, que são mensageiras do inferno. Costumava iniciar a salmodia das Completas e passava a noite toda rezando em voz baixa. Dominado pelo sono, raramente ele dormia sobre a maciez da palha, mas muitas vezes deitava seu corpo no chão, em tábuas ou sobre pedras. Nunca parava de ler ou rezar o instruir os confrades.

9. Convocado o capítulo, foi eleito prior geral. Como tal, visitava a Ordem não como se fosse um pai, mas como um verdadeiro servo de todos, mostrando-se amigos de todos. Quando chegava a um convento, logo dizia ao companheiro de viagem: “Ordena, porque amanhã quero ir com um confrade esmolar o pão”.

10. Encontrando-se em Cesena, um menino que tinha vindo para roubar foi agarrado pelo frade hortelão, que o levou para dentro do claustro para despi-lo e dar-lhe uma surra. Mas o homem de Deus, ao ver o menino, o abraçou com alegria e disse: “Ó, querido hortelão, frei Accorso, não o toques porque ele é bom e será um dia o teu prior na Ordem”. E foi o que aconteceu com o menino que recebeu o nome de frei Bartolomeu de Cesena.

11. Certa vez, indo São Filipe para Florença, acompanhado dos freis Sóstenes e Jerônimo de Cesena, em pleno inverno, ao chegar no alto do montes, disse aos companheiros: “Filhos, vão um pouco adiante. Eu vos alcançarei depois, porque quando chego a este ponto sempre me ataca a febre alta”. Enquanto eles se adiantavam no caminho, veio ao encontro deles um leproso totalmente nu, mutilado e de aspecto repelente aos olhos de todos. Ele pediu esmola, mas não recebeu nenhuma ajuda. Quando o servo de Deus Filipe chegou perto dele, o leproso, nu e enfermo, pediu-lhe: “Pai, tem pena de mim”. Filipe, olhou a redor e não vendo ninguém, tirou sua túnica branca e a entregou ao leproso, beijando-o em seguida. Imediatamente, o leproso ficou curado e, cheio de alegria, abraçava Filipe dizendo: “Na verdade, ó pai, tu és o apóstolo (o enviado) que me curou”. Os confrades, ouvindo o clamor, voltaram sobre seus passos. Mas o homem de Deus lhes disse: “Deus tenha piedade de vós, irmãos. Por que voltastes para trás?” E com coração angustiado disse: “Ordeno-vos que não

digais nada a ninguém enquanto eu viver”. Mas eles, afastando-se, logo contaram tudo aos confrades de Florença.

12. Certa vez, estando o bem-aventurado Filipe em Florença, ouviu que os confrades se queixavam porque, devido à extrema pobreza, não tinham pão para comer. Filipe moveu-se de compaixão por eles e, confortando-os, ordenou: “Preparai a mesa”. E assim fizeram. Quando São Filipe voltava da oração, chegou um desconhecido trazendo pães alvíssimos e muitos outros víveres, que foram mais que suficientes para toda a semana. Ao voltarem à porta do convento, os frades não viram mais ninguém.

13. Quando Filipe visitava pela primeira vez um convento, feita a reverência diante do altar, sempre ordenava severamente aos frades que não dissessem a ninguém que ele era o prior geral. Dizia: “Frei Filipe amanhã será o primeiro a ir esmolar o pão”. E, voltando-se para o irmão leigo, acrescentava: “Quem come o pão, não deve ter vergonha de mendigar o pão”. Era muito frugal no comer, usava roupa de pouco valor e só tinha uma peça de cada roupa do vestuário. Parava sempre nos conventos mais pobres. De noite ou de dia, era sempre o primeiro a chegar à Igreja para rezar o ofício divino.

14. Aconteceu que homem de Deus, viajando de Viterbo para Orvieto com seus dois companheiros, refugiou-se com outras pessoas debaixo de uma nogueira, devido ao granizo e à chuva forte. Depois de rezar, o homem de Deus gritou e disse: Afastai-vos, irmãos meus, porque esta árvore está para ser atingida”. Todos se afastaram e logo – fato extraordinário - um raio repentino rasgou o céu e investiu contra a árvore, queimando-a de alto a baixo.

Todos os anos, com lágrimas e súplicas, renunciava ao cargo de prior geral.

15. Por volta do ano do Senhor de 1282, soube que sua morte ocorreria quando chegasse aos sessenta anos de idade. Certo dia, estando enfermo, sentou-se e disse ao servo: “Traz-me o livro dos salmos. E, junto com o rapaz, pôs-se a rezar as ladainhas. Ao chegar às palavras: “Nós te pedimos, Senhor, atende a oração dos pecadores”, perdeu os sentidos e entrou em êxtase. O rapaz, tomado pelo medo, correu para avisar os frades. Logo Filipe recuperou os sentidos e exclamou: “Há pouco estive diante do Juiz e fui acusado de muitas faltas, mas, pela graça de Deus, fui libertado”. No dia seguinte, pediu e recebeu os sacramentos da Igreja. Em seguida, entregou o espírito.

Os confrades queriam ocultar o seu corpo, mas uma voz ressoou pela cidade: “Ide ao convento dos Servos de Santa Maria porque lá está o corpo do bem-aventurado Filipe”.

16. Uma viúva, que havia perdido o filho naquele dia, ofereceu-se ao bem-aventurado Filipe e levou o corpo do filho ao convento. E o filho ressuscitou.

Certo soldado fazia pouco do bem-aventurado Filipe e dizia que não era verdade que era santo, mas o consideravam tal só para obter lucros. Por isso, sua língua ficou ressequida. Arrepentido, foi ao sepulcro do santo homem e, no mesmo dia, ficou curado.

Nas imediações de Todi, exconjurado a sair de uma mulher, o diabo, falando por ela, assim exclamou: “Não sairei, se antes eu não vir o sepulcro do bem-aventurado Filipe”. Conduzida ao sepulcro, a mulher ficou livre.

17. Um frade da Ordem dos Menores, ao ouvir as coisas maravilhosas que se diziam de Filipe, fazia pouco caso dele. Enquanto assim falava, ficou com o boca e o rosto deformados, voltados para as costas. Então suplicou a São Filipe, levou-lhe como oferta uma cabeça de cera e foi curado.

Um nobre soldado de Todi, correndo com seu cavalo, caiu ao chão: feriu-se a cabeça e ficou semimorto. Seus parentes e amigos levaram-no ao túmulo de São Filipe e quando ele tocou nas relíquias do santo, ficou curado.

18. No dia da sua transladação, as imagens sacras voltaram o rosto para o lugar onde estava seu corpo e toda a cidade ficou perfumada. Os cegos de nascença, tocado o coro do santo, recuperaram a vista e muitos enfermos, acometidos de várias enfermidades, foram libertados.

Muitas crianças inocentes vibravam de alegria ao ver São Filipe pairando sobre a igreja.

No mesmo dia, milhares de andorinhas cantavam a seu modo com os frades. E ninguém duvidou que fossem os anjos de Deus.

Um incêndio irrompeu em Todi, no Burgo São Marcos, e ameaçava alastrar-se por toda a cidade. Mas, quando a túnica de São Filipe foi levada ao local, o fogo se apagou.

19. Um menino de Spoleto tinha-se afogado. Foi levado a Todi, junto ao túmulo de São Filipe, e logo voltou à vida.

Outro menino acometido de elefantíase, doença – segundo os médicos – incurável, ao tocar as roupas de São Filipe, ficou curado.

E muitos outros milagres operou o bem-aventurado Filipe.